MARCELA MARCONDES LEITE

EXPERIÊNCIA DE LUTO POR VIUVEZ NO ENVELHECER GAY E LÉSBICO

Assis

2024

MARCELA MARCONDES LEITE

Experiência de luto por viuvez no envelhecer gay e lésbico

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientadora: Dra. Mariele Rodrigues Correa

Assis

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Maria Luiza Carpi Semeghini - CRB 8/8301

L533e

Leite, Marcela Marcondes
Experiência de luto por viuvez no envelhecer gay e lésbico / Marcela Marcondes Leite. — Assis, 2024
109 p.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Mariele Rodrigues Correa

1. Envelhecimento. 2. Pessoas LGBTQIA+. 3. Luto. 4. Viuvez. I. Título.

CDD 152.4

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Experiência de luto por viuvez no envelhecer gay e lésbico

AUTORA: MARCELA MARCONDES LEITE

ORIENTADORA: MARIELE RODRIGUES CORREA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Psicologia, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA (Participaçao Presencial)
UNESP/FCL - Assis/SP

Prof. Dr. FERNANDO ALTAIR POCAHY (Participaçao Virtual)
UERJ/Rio de Janeiro

Prof. Dr. RAFAEL SIQUEIRA DE GUIMARÃES (Participaçao Virtual)
UNESP/FCL - Assis/SP

Assis, 01 de dezembro de 2023

Dedico este trabalho às velhices potentes e inspiradoras que conheci na ONG EternamenteSOU

AGRADECIMENTOS

O percurso deste trabalho não foi fácil, e desde antes de se tornar um projeto de mestrado tive o apoio e suporte de pessoas muito queridas que citarei abaixo.

Primeiramente, gostaria de agradecer às pessoas encantadoras que pude conhecer na ONG (Organização não governamental) Eternamente SOU. É no encontro com a história de vocês que este trabalho nasce. Agradeço ao presidente da ONG, Luís Baron, por toda disponibilidade e carinho. Foi um presente enorme a vida ter nos aproximado em um período tão difícil de pandemia por COVID-19. Agradeço também aos participantes da pesquisa, que se disponibilizaram às entrevistas.

Agradeço também à professora orientadora deste trabalho, Mariele Corrêa, por ter me incentivado a pesquisar e ter me auxiliado em momentos em que precisei reavaliar as direções deste trabalho.

Agradeço a todo departamento de Psicologia Social, aos professores convidados da banca de qualificação e defesa. Agradeço às amizades que fiz na pós-graduação, as trocas que foram possíveis através delas, e a uma amiga querida, Camila Funari, que me auxiliou e apoiou desde o começo.

Agradeço a minha família, as minhas sobrinhas Isabela e Laura, que me fazem recordar da minha criança interior. Agradeço especialmente à minha mãe, que desde o início me apoiou na escrita e foi o incentivo necessário para continuar até o fim. Mesmo nos percalços da vida, não me deixou desistir dos meus projetos.

Agradeço ao meu parceiro de vida, Breno, por construir junto comigo possibilidades de um relacionamento amoroso com tranquilidade, que não limite nossa sexualidade e nem nossos sonhos.

Agradeço aos meus amigos de São José dos Campos e de Assis, que sempre me escutaram e sempre estiveram atentos e curiosos para saber mais detalhes do que estava escrevendo. Esta pesquisa também diz de vocês, e da expectativa de um futuro com envelhecimento digno e o direito de amarmos quem quisermos.

Agradeço à minha analista, Isabel, que possibilita que eu consiga seguir mesmo percebendo os buracos, mesmo vendo que o que estou escrevendo não dá conta de ser aquilo que eu imaginei. A pesquisa é fruto disso, de aceitar as falhas e os buracos, de continuar vendo importância mesmo estando diferente do que havia planejado inicialmente.

Agradeço ao meu grupo de aéreos, que me mostrou que precisava estar na adrenalina das acrobacias da lira e do trapézio para conseguir reorganizar meus pensamentos.

Por último, e não menos importante, agradeço aos meus gatos: Félix, Sula e Jiji. Cada vez que ia para o escritório escrever, vocês iam atrás, fosse para ficarem aconchegados no meu colo ou para se deitarem próximos ao notebook. Amo vocês.

RESUMO

O luto por viuvez no envelhecer gay e lésbico envolve uma multiplicidade de fatores que estão relacionados a vivências e processos diversos. Questões como raça, cor, gênero, classe, orientação sexual e rede de apoio, dentre outros, precisam ser consideradas para analisar o que constitui esses envelhecimentos, e questionar se o luto por viuvez tem a possibilidade de ser vivenciado “fora do armário”. O objetivo deste trabalho é compreender as especificidades do luto por viuvez em pessoas idosas homossexuais. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas à luz do referencial de produção de sentidos através de práticas discursivas, além de autores e autoras sobre luto, perda e gerontologia LGBTQIA+. Os resultados encontrados sinalizam para uma viuvez não nomeada em casais homossexuais. O Luto Não Reconhecido aparece como sendo um dos fatores presentes para um dos entrevistados, e a rede de apoio sendo possibilitadora de novas significações para a perda. Por fim, considera-se que o luto é um processo psicossocial, mas também político, que reivindica a existência dessa população e possibilita a produção para novos sentidos de vida após a perda.

Palavras-chave: Envelhecimento; Pessoas LGBTQIA+ ; Luto; Viuvez

ABSTRACT

Widowhood Grief in elderly gay and lesbian people involves a multitude of factors that are related to diverse experiences and processes. Race, color, gender, class, sexual orientation, and support networks, among others, need to be considered to analyze what constitutes these aging experiences and to question whether grief from widowhood can be experienced "out of the closet." The aim of this study is to understand the specificities of grief from widowhood in elderly homosexual people. In order to, semi-structured interviews were conducted, which were analyzed in the light of the framework of meaning production through discursive practices, as well as authors on grief, loss, and LGBTQIA+ gerontology. The results suggest an unnamed widowhood in homosexual couples. Unacknowledged Grief appears as one of the factors present for one of the interviewees, and the support network enables new meanings for the loss. Finally, it is considered that grief is a psychosocial but also political process that claims for the existence of this population and allows for the production of new meanings for life after loss.

Keywords: Elderly; LGBTQIA+ People; Grief; Widowhood

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9
1. INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA 12
2. METODOLOGIA 18
2.1 Roteiro de entrevista 19
CAPÍTULO 1: ENVELHECIMENTOS LGBTQIA+ 23
1.1 Parcerias homossexuais e Conjugalidade 31
CAPÍTULO 2: LUTO 36
2.1 Especificidades do Luto por viuvez LGBTQIA+ 40
CAPÍTULO 3: NARRATIVAS, TRANSCRIÇÕES, ANÁLISE DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: TECENDO UMA PESQUISA SOB O OLHAR SOCIAL-ÉTICO-POLÍTICO 43
3.1 Enlutar-se pelo outro e por si mesmo: A morte de si prenunciada através da perda 45
3.2 Deusa e Raio de Sol 77
CONSIDERAÇÕES FINAIS 97
REFERÊNCIAS 100

APRESENTAÇÃO

O desejo de investigar as temáticas propostas neste trabalho vem de uma trajetória não só acadêmica. Ter vivenciado uma série de lutos simbólicos, que vieram a partir de uma “saída do armário” no espaço familiar e social durante a adolescência, trouxe uma ruptura entre o que eu poderia verbalizar da minha sexualidade no espaço familiar e o que ficaria restrito ao que eu construiria de vínculos em outros espaços.

Na construção dessa rede de amigos, encontrei pessoas com que eu me identificava, e que também estavam vivenciando suas descobertas homoeróticas e afetivas. Assim foi, e assim continuamos até hoje, em uma troca na qual cada um tem a liberdade de vivenciar sua sexualidade e ter o acolhimento do grupo.

Estar no meio de amigos LGBTQIA+[1] tornou o processo de luto das expectativas familiares e sociais mais ameno, o que possibilitou a validação dos meus relacionamentos amorosos com outras meninas enquanto relacionamentos reais. Quando percebi que também gostaria de me relacionar com meninos, foi nesse mesmo meio que pude falar sobre minha sexualidade e compartilhar o que estava vivenciando com amigos bissexuais.

Assim, ao iniciar a graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no campus de Assis, já tinha o desejo de estudar questões relacionadas à sexualidade. O que foi vivenciado de forma inesperada é que no segundo ano de graduação, no estágio básico curricular, passei a acompanhar a rotina de uma ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos).

Essa escolha de campo trouxe inquietações, não só sobre a institucionalização dos idosos que estava em contato, mas também sobre como eu e meus amigos envelheceremos.

Que tipo de envelhecimento uma idosa lésbica ou bissexual tem no Brasil? Que lugares poderei ocupar caso eu esteja em um relacionamento homossexual? Será que meus amigos terão envelhecimentos dignos? Quantos dos meus amigos terão que voltar para o armário ou terão sua sexualidade apagada se forem institucionalizados?

---

[1] A Portaria Nº 74, de 28 de junho de 2023, estabelece o uso da sigla LGBTQIA+ no âmbito do Conselho Federal de Psicologia para se referir às pessoas não contempladas pela hétero-cis-normatividade

E, assim, esses questionamentos foram tomando mais forma e se entrelaçando com meu percurso de graduação, que passou por espaços em que pude estagiar com envelheceres para além da institucionalização.

Ao longo de minha formação acadêmica estagiei em uma roda de conversa sobre sexualidade feminina na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), em rodas de conversa do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), e no acompanhamento terapêutico com idosos.

Além dos estudos e práticas sobre envelhecimento, também estive inserida em um percurso de estudos de sexualidades e gêneros, no qual fiz parte de um projeto com adolescentes com a temática de “Diversidade nas Escolas”. Também fiz um estágio em clínica intitulado “Clinic@rte — Perspectiva Queer na Psicologia Clínica I e II”, que tinha ênfase nas especificidades dos atendimentos para a população LGBTQIA+.

Durante a faculdade, em parceira com colegas que estavam em um percurso similar nos estudos sobre envelhecimento e velhices, foi possível participar da construção e criação do “Coletivo Cora Coralina”. Esse coletivo foi de enorme importância, tanto por ter acontecido no meu último ano de graduação, quanto por ter continuado de forma *online* em 2020 e 2021, durante a pandemia por COVID-19.

Nos encontros virtuais realizados pelo coletivo foi possível convidar diversos estudiosos e idosos engajados em temas diversos relacionados ao envelhecimento. Aconteceram *lives* sobre experiências do envelhecer, suicídio, necropolítica, arte, lesbianidades e sexualidades. As *lives* foram potentes em conectar profissionais, estudantes, idosos e demais interessados de todo país nas temáticas que eram propostas.

O coletivo foi parte do meu processo de construção enquanto pesquisadora das temáticas do envelhecimento, e os temas trabalhados nos grupos de estudo e nas *lives* também dialogam com a temática proposta no presente trabalho.

O término da graduação e a mudança de cidade, de onde parti do interior paulista para residir na capital São Paulo, trouxe comigo a possibilidade de atuar como voluntária na primeira ONG (Organização não governamental) nacional voltada para a população LGBTQIA+50, denominada “Eternamente SOU”. Essa ONG tem como objetivo criar um espaço para socialização e visibilidade desse público, garantindo atividades que proporcionem lazer, saúde e cuidado, além de contar com a militância e atuação para que políticas públicas sejam criadas e efetivadas.

Em 2020, dentro dessa ONG, tive a oportunidade e liberdade de construir um projeto que trabalhasse os múltiplos lutos, concretos e simbólicos, das vivências enquanto pessoa LGBTQIA+ e também dos lutos vivenciados durante o primeiro ano de pandemia pela COVID-19.

Portanto, a temática da pesquisa traz uma compreensão dialética entre inquietações pessoais, teoria e prática, entrelaçando referências e experiências.

Para este trabalho acontecer, a escrita acadêmica precisou achar uma intersecção com a escrita afetiva. As afetações que materializaram a ideia desta pesquisa são parte da escrita, e tal como uma colcha de retalhos, elas se costuram com as referências teóricas utilizadas e com as vidas entrevistadas. Cada parte desta pesquisa, cada parágrafo, foi uma costura de retalhos, que a cada dia desfazia, remendava e adicionava uma nova estampa.

Permitir a escrita fluir ainda continua sendo um trabalho contínuo, afinal, o endurecimento dela também foi trabalho de anos. Nesse processo, foi possível escrever nas brechas dos dias, mesmo que a costura não tenha saído como o planejado e precise de mais remendos.

1. INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

> Tudo isso dói. Mas eu sei que passa, que se está sendo assim é porque deve ser assim, e virá outro ciclo, depois.
> Para me dar força, escrevi no espelho do meu quarto: 'Tá certo que o sonho acabou, mas também não precisa virar pesadelo, não é?' É o que estou tentando vivenciar.
> Certo, muitas ilusões dançaram — mas eu me recuso a descrer absolutamente de tudo, eu faço força para manter algumas esperanças acesas, como velas. Também não quero dramatizar e fazer dos problemas reais monstros insolúveis, becos-sem-saída.
> Nada é muito terrível. Só viver, não é?
> A barra mesmo é ter que estar vivo e ter que desdobrar, batalhar um jeito qualquer de ficar numa boa. O meu tem sido olhar pra dentro, devagar, ter muito cuidado com cada palavra, com cada movimento, com cada coisa que me ligue ao de fora. Até que os dois ritmos naturalmente se encaixem outra vez e passem a fluir. (Caio Fernando Abreu)

A vida traz em sua definição um grande paradoxo: a certeza de sua finitude. Sua grandeza se revela em conteúdos materiais e simbólicos, em diferentes contextos nos quais sua processualidade se torna possível. Grandeza e complexidade se complementam, seja em prosa, literatura, poesia e/ou em conhecimentos científicos. As temporalidades se desdobram em horas, dias, anos e em ciclos vitais, diferentes conceituações vão se delineando e situando a existência humana em uma lógica temporal. Assim como a única certeza tangível da vida é a morte, nos debruçamos sobre uma de suas tantas possibilidades de interpretá-las: as vivências de lutos, de perdas, de diferentes dores e trajetórias através das velhices divergentes da heteronormatividade.

A sociedade atual se apresenta com uma estrutura vigente que padroniza corpos e sexualidades, instituindo tabus que, consequentemente, causam apagamentos diversos da realidade social. Mergulhados nesse cenário, salientamos que refletir sobre as especificidades do luto vivido por uma pessoa a partir da subjetividade do envelhecer gay e lésbico, é trazer para visibilidade temas que são propositalmente apagados e excluídos da sociedade.

Partindo da conceitualização, em que tabu está relacionado a proibição, de acordo com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986), podemos dar continuidade a uma discussão que integra diferentes vertentes, tais como Luto,

Envelhecimento e a população LGBTQIA+, enquanto uma possibilidade de romper com o paradigma social do silêncio e dos não-ditos.

Uma das hipóteses deste trabalho consiste em analisar se o silenciamento decorrente da homofobia e lesbofobia poderia produzir impactos significativos nas vivências de luto de gays e lésbicas em processo de envelhecimento, invalidando suas falas e dores decorrentes das perdas por viuvez.

Para que a pesquisa fosse possível, o suporte teórico foi composto por literaturas que dialogam com diferentes ciências, tais como a Gerontologia (Debert, 1998; Rodrigues, 2020), Gerontologia LGBT (Henning, 2017), psicologia social (Spink, 1993), Luto (Kovács, 2003; Kübler-Ross, 2017), Terapia do Luto (Worden, 2013), estudos de sexualidades e gêneros (Butler, 2016) e autores e autoras da psicanálise (Freud, 1917; Castañeda, 2007).

Este trabalho teve início em 2020, durante a pandemia por COVID-19, através de um contato inteiramente virtual devido a quarentena e às medidas de segurança prescritas pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Nesse período, estava como psicóloga voluntária da ONG EternamenteSOU.

A ONG EternamenteSOU foi criada em 2017, na cidade de São Paulo, com o objetivo de auxiliar pessoas idosas LGBTQIA+. Com uma rede de profissionais multidisciplinares, a ONG busca possibilitar espaços de cuidado, lazer, convivência, além da promoção da cidadania LGBTQIA+. Hoje a ONG atua em São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Foi criado um grupo com idosas e idosos participantes da ONG EternamenteSOU, na frequência de uma vez por semana pela plataforma virtual *Google Meet.* Os encontros virtuais surgiram a partir de um projeto de grupos para socialização, pensado pelos membros voluntários da ONG, a fim de que pudessem existir espaços que aproximassem os idosos e tornasse o período de quarentena menos ansiogênico e solitário.

É nesse contexto que foi criado o grupo virtual “Podemos falar sobre (nosso) luto?”, quando se notou a necessidade de abordar a temática de perdas e lutos em um momento em que a iminência da morte se apresentava como uma constante diária.

A criação do grupo foi uma forma de fomentar um espaço para os medos serem nomeados, além de prover um espaço de acolhimento psicológico para que ao longo dos encontros fosse possível compartilhar as percepções de uma vida experienciada a partir de lutos simbólicos, tais como o armário LGBTQIA+ e o Luto da

Heterossexualidade — como já escreveu a psicanalista Marina Castañeda em seu livro *A experiência homossexual* (2007), — e também a partir do luto em sua forma concreta em decorrência das perdas por falecimentos por COVID-19.

O grupo passou por adequações em conjunto com os participantes, tendo se transformado em um grupo psicoterapêutico. A cada encontro os participantes traziam as transformações e dificuldades pessoais percebidas e encontravam no grupo um lugar seguro para ouvir e para falar sobre suas perdas e lutos.

Assim, o grupo permaneceu em funcionamento até dezembro de 2022, quando percebeu-se que seu objetivo havia sido cumprido, e que muitos lutos continuariam sendo elaborados e cuidados a partir das demandas individuais de cada participante.

Em paralelo à existência do grupo terapêutico, houve também a criação de um grupo especificamente voltado para o luto de idosos homossexuais enlutados por viuvez. Esse grupo foi iniciado em maio de 2021 e finalizou-se em novembro do mesmo ano.

O objetivo deste outro agrupamento era proporcionar escuta para que os integrantes pudessem compartilhar os relatos de suas perdas, o momento em que estavam e como poderiam seguir dando outros sentidos àquela dor. Esse grupo foi fundamental para escutar as pluralidades que o luto traz para cada indivíduo, como cada pessoa percorre caminhos diferentes em sua elaboração singular.

A partir desse vínculo pré-estabelecido com a ONG, da permissão para que os trabalhos dentro dessas temáticas continuassem e do interesse manifesto para ouvir e registrar quais são as diferenças e as especificidades do luto por viuvez no envelhecer gay e lésbico, o presente trabalho já tinha seu campo e atuação para a coleta de dados a partir de entrevistas abertas. Ao proporcionar uma escuta sensível e atenta aos participantes, foi possível para o grupo falar sobre processos de luto e enlutamentos dentro da ONG.

Ao procurar suporte teórico para a construção deste projeto, a partir de pesquisas, artigos e publicações nas áreas de psicologia, ciências sociais, ciências humanas, que estão nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, foi possível encontrar artigos que citam o luto por viuvez vivenciado por casais heterossexuais, mas poucos artigos que realizam o recorte de luto por viuvez em casais homossexuais.

Um dos artigos encontrados, intitulado “O Luto Velado: A Experiência de Viúvas Lésbicas em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial” (Arima & Freitas, 2017),

traz a perspectiva fenomenológica da viuvez em um casal de lésbicas com mais de 50 anos, e foi o artigo que utilizei para escrever os apontamentos que o luto LGBTQIA+ pode apresentar.

Foi publicado em um periódico brasileiro uma revisão narrativa sobre o luto de pessoas idosas LGBTQIA+, cujo título é “A Vivência do luto do cônjuge em idosos gays, lésbicas, bissexuais e/ou trans: Revisão Narrativa” (Gabarra, Pereira Garcia Domingues, Almeida, Santos, 2023). É importante ressaltar que mesmo no referido artigo, que teve como objetivo especificar as diferenças vividas por mulheres lésbicas durante a perda das esposas e companheiras, as autoras não classificaram as entrevistadas como mulheres no processo de envelhecimento e nem a participante de 62 anos como uma mulher idosa, de acordo com a classificação de envelhecimento da OMS.

Isso reforça a ideia inicial de que a velhice, mesmo com taxa de crescimento elevada nos últimos anos e com a projeção para que continue aumentando, ainda é considerada um tabu, e até mesmo uma ofensa, ao ponto que mulheres perto dos 60 anos não sejam nomeadas enquanto velhas pelo receio que isso seja interpretado como algo negativo, tendo em vista que o olhar social sobre o lugar do velho na sociedade continua sendo de apagamento e isolamento.

Nos próximos tópicos serão abordados de forma mais detalhada quais são as divisões, recortes e atravessamentos que a dissertação abarca, tendo em vista que a importância do tema escolhido para a pesquisa é, sobretudo, criar referências teóricas nacionais e somar aos poucos materiais que abordam a temática de Luto, Envelhecimento e vivências LGBTQIA+.

No (des)governo vivenciado no Brasil entre 2019-2022 aconteceram retrocessos nos direitos da população LGBTQIA+ e da população idosa. No primeiro ano do governo Bolsonaro, em 2019, o Ministério dos Direitos Humanos foi renomeado para Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e o cargo de ministra foi atribuído a Damares Alves. Em sua posse, Damares disse: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa”. Essa fala caricata marcou o posicionamento cisheteronormativo e preconceituoso da ministra, que representava a cara do novo governo.

Durante os quatros anos do mandato bolsonarista houve uma série de ataques a instituições de saúde pública e a políticas públicas voltadas à população LGBTQIA+.

Discursos ageístas e “velhofóbicos” (Goldenberg, 2020) apareciam na mídia constantemente.

Em uma necropolítica (Mbembe, 2018) que o Estado classifica quais são os corpos que valem continuar vivos, marcando que corpos negros, LGBTQIA+ e velhos não são corpos úteis para o mercado e para a heteronormatividade, se enlutar enquanto LGBTQIA+ é uma subversão a tudo isso. Se enlutar nesse contexto é também um ato político.

Para Pocahy (2022) há uma “necrogerontopolítica” no Brasil, o que impede a longevidade de idosos e determina de formas diretas e indiretas o “extermínio de corpos indesejados”.

> No jogo biopolítico envolvendo o prolongamento da vida (longevidade) – e de um único modo possível de vivê-la, pois se produziu um modo de expandir a exploração desses corpos-vidas a produzirem e consumirem mais e pelo maior tempo possível –, a velhice vem se tornando cada vez mais uma questão de responsabilidade individual – o sujeito é o único responsável por si – e familiar. As redes de apoio e proteção e de promoção da cultura e da saúde encontram-se cada vez menos sob a responsabilidade-solidariedade do Estado. Ao não garantir condições de vida digna, saúde, educação, cultura, a partir de formas de governar que considerem a diferença como forma de expansão democrática (participativa), o Estado amplia as desigualdades e entende a diferença como algo a ser eliminado, facilmente descartado – o ponto de corte de uma necrogerontopolítica. (Pocahy, 2022, p. 49)

Justamente por isso que as produções acadêmicas que marcam tais opressões e apagamentos, em um lugar de reconhecimento de si e de como a própria existência está inserida nessa lógica de poder, precisam existir.

Diante da escassez de publicações nacionais que se refiram a viuvez vivenciada durante o processo de envelhecimento, esta pesquisa tem a intenção de contribuir para a visibilidade de pessoas LGBTQIA+, com enfoque em gays e lésbicas que estão vivenciando o Luto por Viuvez, que na atual conjuntura política e social tem importância significativa na academia e para além dela.

De acordo com Worden (2013), desde os estudos de Robert Niemeyer sobre reconstrução e construção de significado para enlutados, utiliza-se as narrativas como ferramenta para conduzir esses processos. É através da narrativa da própria história que o sujeito passa também a reconstruir os sentidos para viver em um mundo que não existe mais a pessoa amada perdida.

A pesquisadora parte dessa perspectiva: de que poder narrar a própria trajetória, rememorar as perdas e contá-las, é ter a possibilidade de atribuir novos sentidos a essas experiências.

Ao ouvir sobre as relações conjugais ou de vivência afetiva-sexual que foram de forma velada ou impossibilitadas de serem nomeadas, cria-se também um espaço para que essas relações sejam validadas e para que possa existir a viabilidade de elaboração da perda a partir de um reconhecimento prévio do lugar e do vínculo vivenciado em vida. Registrar a existência e resistência dessa população é contabilizá-la enquanto população que precisa de um olhar para suas demandas próprias, que incluem a criação de políticas públicas para garantir dignidade de vida, seja nos serviços de saúde como também nos outros espaços sociais.

Este projeto de pesquisa tem o objetivo de compreender as especificidades dos processos de luto e enlutamento por viuvez, dentro do processo de envelhecer gay e lésbico. Perpassar as singularidades do viver e envelhecer para cada um dos entrevistados, atentando-se a não homogeneizar as vivências, pois cada uma tem suas respectivas experiências e diferenças significativas.

Será analisado e discutido, a partir do material coletado das entrevistas, como e quais são as especificidades da vivência do envelhecer gay e lésbico dentro dessa ampla temática que é o processo de elaboração de luto.

Algumas questões surgem com a escrita desse projeto, as quais embasamos nossos pensamentos iniciais: Como tal processo diverge de vivências heterossexuais de perdas e falecimentos? Como o luto velado ou não permitido se relaciona com a vivência singular dos processos de enlutamento, e como isso se dá dentro da esfera do processo de envelhecimento?

Busca-se também garantir um modo de fazer ciência que traga os participantes ao centro do trabalho, no qual a autora se coloca como parte do processo e como uma interlocução entre experiências de vidas e teorias construídas.

2. METODOLOGIA

Este estudo fundamenta-se a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2002, p. 21-22), “a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que nos mostra que é irredutível apenas a variáveis e quantificações. Sendo assim, como apontado pela autora, o significado é o que será centralizado e investigado, e é o sujeito que sabe sobre suas experiências e como contá-las.

> Desta forma, considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam. (Minayo, 2002, p. 25)

A partir da conceituação de pesquisa qualitativa de Minayo, o presente trabalho se constitui a partir de um levantamento bibliográfico sobre Luto, Finitude, Velhices LGBTQIA+, e Viuvez. Dada a escassez de registros no banco de dados nacional (SciELO, Periódicos Capes e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), foi utilizado bancos de dados internacionais sobre pesquisas que abordassem o “Luto por Viuvez em pessoas LGBTQIA+”.

Esta dissertação também se enquadra no que Selltiz *et al.* (1965) nomeia como categoria de estudos exploratórios, que tem como objetivo mapear mais informações sobre um assunto pouco estudado e a partir disso criar possibilidades de maior familiaridade para, num momento posterior, criar-se hipóteses e assim também ter um olhar mais amplo para os possíveis problemas que aparecerão pelo percurso.

Para compreender a experiência de enlutamento por viuvez no envelhecer de gays e lésbicas, foram realizadas entrevistas com uma mulher lésbica e um homem gay que perderam, por falecimento, seu/sua cônjuge ou seu companheiro ou sua companheira. Os convites para participação neste estudo foram feitos a partir do vínculo já pré-estabelecido da pesquisadora com a ONG Eternamente SOU, dada a dificuldade de encontrar participantes idosos desconhecidos que gostariam de falar sobre sua viuvez e sexualidade.

É possível que essa dificuldade esteja atrelada a alguns motivos, sendo eles os tabus sociais, os não-ditos que permeiam essas temáticas e a não nomeação da

perda vivida enquanto uma viuvez, além do incômodo de falar sobre uma perda do passado quando está vivenciando uma nova relação. Dentro do meio gay, inclusive, também é necessário ponderar se surge vergonha ou medo de verbalizar uma perda por HIV/AIDS.

É importante salientar que mesmo partindo de um local onde havia um vínculo anterior, aconteceram desistências de convidados que demonstraram interesse inicial em compor a pesquisa. Algumas desistências não foram justificadas, e uma desistência foi anunciada. A última foi em decorrência da convidada estar vivenciando um novo relacionamento, o que a trouxe novos desejos e sentidos, que fez com que a ideia de falar de sua viuvez não coubesse no momento de vida em que ela estava.

Muitas pessoas quando estão enlutadas costumam receber olhares de reprovação de amigos e familiares quando demonstram desejo de retornar a se relacionar amorosamente, como se fosse algo proibido, e até como se fosse um desrespeito com quem morreu.

É compreensível que a convidada tenha optado por não dar continuidade às entrevistas, e isso por si só deixa questionamentos importantes para a pesquisa. O luto pode se apresentar de diversas formas, tomar incontáveis caminhos em seu processo, e o rumo que cada um dos caminhos pode ter não deveria ser limitado pelo julgamento. Assim como disse Guimarães Rosa, “Viver é um rasgar-se e remendar-se”, e são nesses remendos que se costura a própria estampa, única e intransferível, no processo de luto.

2.1 Roteiro de entrevista

A partir dos materiais de estudo sobre perdas e lutos, organizamos um roteiro de entrevistas individuais semiestruturadas, com objetivo inicial de convidar o/a participante a falar sobre o luto decorrente da viuvez, mas que mantivesse a liberdade para que a pessoa pudesse expressar o que sente e como compreende o próprio luto da perda da pessoa amada, de acordo com o tipo de vínculo e a dinâmica de relação vivenciada.

Outros questionamentos que fundamentaram a entrevista foram: se foi possível nomear a perda quando ela aconteceu, como foi a reação das pessoas do convívio, se houve rede de apoio, se houve rituais de despedida, e analisar o quanto isso teve influência no processo de enlutamento.

Os elementos como idade, classe, cor e gênero fizeram parte do processo de análise dos dados. Após o contrato inicial, garantindo sigilo e compromisso ético, as entrevistas aconteceram pela plataforma *Google Meet*, devido às medidas de distanciamento da pandemia por COVID-19. A realização desse estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis.

Ao traçar um esboço do que é necessário estar no roteiro semiestruturado, penso que as perguntas iniciais funcionaram como um registro de dados para marcar existências que muitas vezes são invisibilizadas e não contabilizadas pelo registro estatístico de pessoas idosas LGBTQIA+. A segunda parte do questionário é, também, um convite à produção de sentidos (Spink, 2013) a partir da reflexão acerca de conteúdos que talvez os entrevistados ainda não tenham entrado em contato ou refletido sobre.

Logo, o questionário se iniciou com as perguntas: Qual é a sua idade?, Qual é a sua cor/raça? (acompanhada das alternativas: branca, preta, parda, amarela, indígena, outras e prefiro não responder), Com qual gênero você se identifica? Qual é a sua orientação sexual?.

Em seguida, o questionário trouxe perguntas abertas com a possibilidade de serem respondidas como o/a entrevistado/a se sentisse mais confortável, sendo elas: Como é para você falar da sua orientação sexual hoje?, Conte-me sobre a relação que teve: quem é a pessoa que você perdeu? Como ela era?, Como e quando foi a sua perda?, Como é para você falar da sua perda?, Você pôde estar presente nos momentos de final de vida e nos rituais de despedida da pessoa perdida?, Você participou de algum processo burocrático relacionado ao falecimento? (Exemplo: divisão de bens, decisões, herança e afins), Quem é próximo a você soube da sua perda e do vínculo de vocês?, Você recebeu apoio quando aconteceu a perda?, Em algum momento você deixou de nomear a pessoa perdida enquanto esposa, companheira, namorada por medo ou receio da reação de quem estava presente?

É importante explicitar que as perguntas acima não foram seguidas de forma rígida e sequencial, mas de acordo com o que a pessoa entrevistada ia respondendo e quais conteúdos apareciam em evidência. Dessa forma, a entrevista fluiu em temas que falam da especificidade do acontecimento da perda para cada um e sobre o registro único e singular que essa perda deixou.

No decorrer das entrevistas, a postura ética foi de uma escuta sensível:

> Trata-se de um escutar-ver que recebe em seu significado a influência da abordagem rogeriana em ciências humanas, inclinando-se para a tendência interpretativa da meditação no sentido oriental do termo (Krishnamurti, 1994). A escuta sensível se apoia na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de ideias, de valores de símbolos e de mitos. A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional de outrem. O ouvinte-sensível não julga, não mede, não compara. Entretanto, ele compreende sem aderir ou se identificar às opiniões dos outros, ou ao que é dito ou feito. (Barbier, 2002, p. 1-17)

Houve uma escolha cuidadosa, advinda de reflexões sobre qual seria o método crítico que mais se enquadraria para esta análise de resultados, tendo sido escolhido a proposta teórico-metodológica das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano (Spink, 1999/2013). A autora estabelece três dimensões básicas a serem consideradas: Linguagem, História e Pessoa.

As práticas discursivas estão dentro da linguagem, definidas como “linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (Spink, 2013; p. 5). As práticas discursivas possuem dinâmica, formas e conteúdos.

A história está associada à ideia de temporalidade, na qual a autora trabalha com três tempos históricos: “o tempo vivido, das linguagens sociais aprendidas pelos processos de socialização, e o tempo curto, marcado pelos processos dialógicos”.

E em terceiro, a concepção de “pessoa como relação social”, ou seja, ser pessoa pertencente ao tempo longo da história. Uma concepção que evidencia e enfatiza as relações dialógicas, e não o indivíduo isolado.

Realizar uma pesquisa no campo psicossocial, principalmente com as populações às margens da sociedade por não se enquadrarem na norma cisheterossexual, é trazer ao visível o emaranhado de especificidades e demandas dessa população, que fica encoberto pela homogeneização da sociedade como se só houvesse uma única norma de existência.

A forma como os dados das entrevistas são lidos nesta pesquisa se dá a partir da perspectiva discursiva da Spink (1999/2013), entendendo-os “como ação (interação) situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade”. (Spink, 2013,p. 138). Soma-se às leituras de autoras e autores como Butler (2014, 2016, 2017), Rodrigues (2020), Henning (2017) e Nery (2019). O olhar para o envelhecimento múltiplo e desejante, e para os caminhos

possíveis do luto. Essas referências são constantes neste trabalho e acompanham a interpretação dos dados advindos das entrevistas.

Optamos por discorrer sobre o conteúdo das entrevistas sem deixar de lado os atravessamentos significativos do âmbito social que os entrevistados estão inseridos, a percepção de cada um(a) sobre a vivência da própria sexualidade, o questionamento da presença da homofobia e lesbofobia em cada um desses lutos, a história anterior que precede o luto e caso tenha havido uma rede de apoio, por quem ela foi composta.

CAPÍTULO 1: ENVELHECIMENTOS LGBTQIA+

> Envelhecer é muito pior dentro da comunidade LGBT por conta do medo da solidão (João Silvério Trevisan)

Uma das lembranças mais marcantes do despertar do interesse pelos estudos das velhices veio do encontro com o livro *A velhice*, de Simone de Beauvoir. O livro era enorme, pesado, e logo capturou minha atenção quando o vi em uma prateleira empoeirada num sebo no interior de São Paulo.

Foi uma leitura que precisou acontecer em parcelas. Com o tempo, e vez ou outra, o revisito quando recordo de algo que relaciono com algum trecho lido. Simone de Beauvoir publicou a obra aos 62 anos, em 1970, expondo como a sociedade capitalista via os idosos e como o envelhecimento era considerado deplorável. A partir de uma perspectiva crítica e política, questiona o papel da sociedade diante dos corpos idosos.

Ao relatar velhices, Simone escancara a realidade miserável de asilos franceses. Diz do tabu da sexualidade nessa fase da vida, diz de mulheres que vivenciavam na própria velhice, e na adultez dos filhos, uma libertação para viver seus próprios desejos. Simone traz no trecho a seguir a importância de permanecer engajado em projetos sociais e políticos até os últimos dias de vida.

> Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, trabalho social ou político, intelectual, criador. Contrariamente ao que aconselham os moralistas, é preciso desejar conservar, na última idade, paixões fortes o bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão. (Beauvoir, 2018, p. 550-551)

Encontrei na ONG EternamenteSOU velhices desejantes, militantes, com projetos de vida, investidas no futuro que gostariam de ter. As *lives* no período de isolamento na pandemia foram espaços para criação e manutenção de vínculos, de troca de conhecimento, de alimentar curiosidades e continuar na expectativa de dias melhores.

Na citação que trago na epígrafe deste capítulo, de João Silvério Trevisan, escritor, idoso e homossexual, dou início a uma discussão que permeia os estudos

sobre envelhecimentos LGBTQIA+. João, em uma entrevista[2] dada a um projeto intitulado “LGBT60+: Corpos que Resistem”, diz que o medo de envelhecer dentro da comunidade LGBT+ é muito mais pesado pelo medo da solidão.

A solidão pode ser mais presente nas velhices LGBTQIA+, principalmente se há um rompimento com os familiares e se há a vivência da viuvez. Os nichos LGBTQIA+ jovens parecem não aceitar o envelhecimento e contribuir para a exclusão, e muitos idosos receiam a institucionalização pelo medo de terem sua identidade e sexualidade desrespeitadas.

Retomando os questionamentos de Simone de Beauvoir e atrelando as especificidades das Velhices LGBTQIA+, nos questionamos: será que envelhecer é igual e pleno de direitos para todas as pessoas? Será que o medo da solidão pode ser agravado pela cor, raça, classe, identidade ou sexualidade de cada sujeito? E ainda: envelhecer é apenas no campo individual com os próprios dilemas ou envelhecer também está atrelado a como cada sociedade permite ou proíbe espaços para a população velha?

De acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), uma pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos, nos países em desenvolvimento. Porém, tendo como base alguns estudos da Gerontologia e da Psicologia do Envelhecimento (Py *et al.* 2004; Fragoso, Mayor, 2017; Ferreira, Melhado, 2021), optei por tomar, no presente trabalho o Envelhecimento enquanto processualidade (Correa; Justo, 2017), tendo em vista que processo demanda movimento e trabalho.

> “Envelhecer” é verbo complexo e caminha junto a outro tão significativo e amplo quanto este: subjetivar-se. Dois verbos que tratam de processualidades, de construção de si envolvendo aspectos sociais, políticos, econômicos, psicológicos, culturais etc. Enfim, envelhecimento e subjetividade são processos construídos nas tramas da vida, na nossa passagem por tempos e espaços, permeados por uma diversidade de cenários e paisagens. (Correa, Justo, 2017, p. 68)

Sendo assim, ao entender que a população idosa no Brasil tem crescido e que junto a esse crescimento permanece um tabu falar sobre as diversidades e pluralidades existentes dentro dessa população, escancara-se que não é apenas sobre um modelo de Envelhecimento, e sim sobre questionar quais são as possibilidades de existir e como elas são vistas no contexto social.

---

[2] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FElA_WATipQ>.

Para continuar as inquietações e provocações, é necessário pontuar que antes de discorrer sobre o apagamento das velhices LGBTQIA+, chamamos atenção para o sentido pejorativo atribuído à palavra “velho”. Seja no campo da gerontologia ou da psicologia, ainda encontramos poucos trabalhos que não hesitam em escrever sobre Velhos e Velhices.

É notável o receio devido à associação dos termos “velhos” e “velhices” a adoecimentos e demências, como se somente essas questões fossem parte da vivência do Envelhecer, e por estarem atrelados ao que as pessoas enxergam da finitude, apenas como declínio, e não como processo.

A negação da velhice e dos processos de envelhecimento aumenta o apagamento dessa população enquanto quem ama, vive, deseja, pois o “lugar do velho” ainda é *malvisto* e *malfalado*, como se não houvesse grandes apontamentos e grandes processos a serem olhados e o “ser velho” fosse apenas uma *coisa*, e geralmente uma coisa sem sexo, sem desejo, sem escolhas e sem história.

Pocahy (2011) traz uma compreensão da idade como “categoria política, histórica e contingente”. O autor aponta questionamentos pertinentes de como a sociedade limita os corpos, principalmente sobre o que pode um corpo.

> [...] o que deve o corpo à sua idade? O que pode um corpo com a sua idade? O que pesa e o que conta para um corpo a idade que leva? Quantas idades podem ter um corpo e quanto ganha e quanto perde um corpo com a idade que leva? Pode um corpo existir sem a sua idade? Uma idade pode ser a mesma de uma geração a outra? E o que define, por sua vez, os limites de uma geração? O que o corpo deve aos regimes políticos na gestão da vida (generificada)? (Pocahy, 2011, p. 19).

A recusa à velhice, a associação de declínio e o teor pejorativo da palavra “velho” trazem a perspectiva que está representada no imaginário social e no discurso médico (Santos; Lago, 2016), no qual muitas vezes o processo de envelhecer é apenas relacionado a adoecimentos. Muitos médicos ainda colocam “velhice” quando registram a causa de um óbito.

Esse posicionamento da Medicina em relação à velhice tem levado a uma intensa discussão sobre sua classificação enquanto doença no CID-11 (Classificação Internacional de Doenças). Houve um grande debate internacional sobre os

desdobramentos de se tomar a velhice como doença e, finalmente, a OMS revisou essa classificação.[3]

No Brasil, a população com mais de 60 anos vem sendo tratada como um "peso social" e isso é notado na forma como as políticas para pessoa idosa vêm se transformando, repercutindo na atual Reforma da Previdência e nos discursos do (des)governo de Jair Bolsonaro no contexto da Pandemia (Pocahy, 2022). Houve vários episódios, em plena crise sanitária de COVID-19, nos quais discutiu-se a prioridade da população jovem nos tratamentos hospitalares e na distribuição dos respiradores. A população idosa foi, ainda, reiteradamente taxada como "população de risco". Esse termo é altamente questionável e discutível: risco para quem? (Dourado, 2020; Henning, 2020; Melo, Amorin, 2022).

Abordar a temática dos Envelhecimentos é tomá-lo não mais como fenômeno único e homogêneo, mas sim enquanto processo diverso, levando em conta que dentro dele existe classe, cor, gênero e orientação sexual.

É dessa forma que iniciamos os apontamentos às especificidades do envelhecimento LGBTQIA+, sendo os escritos de Henning (2017) imensamente significativos para sublinhar as especificidades da Gerontologia LGBT. O autor traz algumas denominações que estão surgindo para pensar sobre essa temática, como:

> A esse campo de análise de velhices e envelhecimentos afirmados como "não heterossexuais" têm sido propostas várias denominações, as quais refletem projetos políticos, teóricos e analíticos, assim como enfoques empíricos diversificados. Em relação a essa literatura são encontradas denominações como: gerontologia gay (Genke, 2004), gerontologia gay e lésbica (De Vries; Blando, 2004), gerontologia GLB (sendo o "B" relativo a "bissexuais"), gerontologia LGBT (Kimmel; Rose; David, 2006), gerontologia GLBTI (Harrison, 2002), e, mais recentemente, autores sugerindo o estabelecimento de uma gerontologia queer (Hughes, 2006; Pugh, 2002) 2005), e, mais recentemente, autores sugerindo o estabelecimento de uma gerontologia queer (Hughes, 2006; Pugh, 2002). (Henning, 2017, p. 288)

A falta de registros e dados demográficos sobre a população LGBTQIA+ no país espelha a ausência de políticas públicas e serve para impedir que se crie demanda para a formulação de leis específicas para as necessidades desses cidadãos. Tal falta de registro não é um simples descuido e pode ser interpretada

---

[3] Somente em janeiro de 2022 deixou de constar como doença na Classificação Internacional de Doenças. Disponível em: <https://www.asbran.org.br/noticias/oms-reve-cid-11-e-vai-retirar-classificacao-de-velhice-como-doenca>.

como intencional, para que o apagamento da população idosa LGBTQIA+ continue sendo efetivo e atrase quaisquer progressos sobre. Uma das ferramentas para isso é a não inclusão da orientação sexual e da identidade de gênero nos inquéritos e estudos epidemiológicos, como apontam os autores Henrique Salmazo & Ludgleydson (2020), em uma das maiores referências sobre a temática, que é o livro *Envelhecimento e velhice LGBT*.

É recente que políticas e leis voltadas para a defesa da existência dessa população estão sendo criadas, como por exemplo a aprovação do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2019, para que a discriminação contra pessoas LGBTQIA+ seja criminalizada dentro da Lei Nº 7.716/1989 (Lei do Racismo), que é uma Lei que visa punir todos os tipos de discriminação.

Mesmo com essa conquista, ainda não é suficiente para assegurar a vida de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais no país. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2019), com dados obtidos de dez estados, foram registradas 704 denúncias de lesão corporal em 2017, e 713 em 2018. Foram notificados 109 casos de homicídio doloso contra pessoas LGBTQIA+ (Formento, 2021).

Junto a essas violências cometidas contra pessoas LGBTQIA+, existem problemas dentro da própria comunidade. Acontece o apagamento, a exclusão e o julgamento da população idosa, como se os jovens não fossem um dia se tornar velhos. Como é possível contabilizar as violências cometidas contra idosos LGBTQIA+ se a própria comunidade muitas vezes não os considera parte? E até mesmo, será que os jovens LGBTQIA+ reconhecem seu papel na exclusão e julgamento desses idosos?

É de se imaginar que a população com mais de 50 anos tenha vivenciado um país ainda mais violento e escancarado quanto a demonstrações de preconceito, e que tal população também foi pioneira na defesa dos direitos e conquistas.

Na década de 1980, na qual a AIDS estava sendo noticiada como uma “Doença Gay” — como “grupo de risco”, e vista como uma punição ao sexo gay —, a população LGBT+ se via em polos extremos, de uma necessidade vital de levantar bandeiras para garantir sua existência ou de uma necessidade de manter-se em sigilo para se proteger de manifestações de ódio e violência.

O silenciamento sobre as relações amorosas e sexuais vividas pela comunidade dessa geração costuma ser recorrente do medo e punição com que

tiveram que lidar nessa época, na qual manter o armário era também uma forma de proteção contra as violências escancaradas. Assim apontam os autores Henrique Salmazo & Ludgleydson (2020):

> Segundo Fredriksen-Goldsen *et al.* (2015) é que idosos LGBT de hoje são membros das gerações silenciosas, época em que o relacionamento de pessoas do mesmo sexo era criminalizado e as identidades eram severamente estigmatizadas, por consequência, eram socialmente invisíveis. Os estigmas sofridos por esses indivíduos eram resguardados por leis que criminalizavam a homossexualidade, bem como os diagnósticos médicos que afirmavam que uma orientação para o mesmo sexo era uma doença.

O envelhecimento de gays e lésbicas também têm suas diferenças marcadas pelo dispositivo de gênero (Baére; Zanello, 2020). Em um artigo que compõe o livro *Envelhecimento e velhice LGBT*, os autores trazem como objetivo verificar se ideais de gênero continuam na velhice ou se transformam, através de entrevistas com gays e lésbicas com mais de 60 anos. Para investigar as diferenças de gênero presentes no envelhecimento, a autora traz o conceito de dispositivo amoroso e materno para as mulheres e, para os homens, o dispositivo da eficácia, que engloba as atividades laborais e a virilidade sexual.

Os entrevistados do estudo de Baére e Zanello (2020) são duas mulheres lésbicas e dois homens gays. Mercedes é uma mulher cis, lésbica, 61 anos, recém-separada e deseja reatar seu antigo relacionamento ou encontrar um novo. Ana é uma mulher cis, lésbica, 54 anos, dois filhos, divorciada de um casamento heterossexual e está em um relacionamento com uma mulher de 72 anos. Antônio é um homem cis, gay, 62 anos, que teve no passado um casamento de 16 anos não-monogâmico; atualmente é casado há 18 anos em um relacionamento monogâmico. Por fim, João é um homem cis, gay, 60 anos, que está há 20 anos com o mesmo companheiro amoroso.

> [...] em ambas as entrevistas, a velhice não se apresenta como a fase da clausura, na qual a mulher necessita se desinvestir de atividades fora de casa. Comumente, os padrões de gênero direcionam a mulher para o espaço privado, seja no cuidado do lar, seja na criação dos filhos. Entre as lésbicas, mesmo no envelhecimento, o âmbito privado não se apresenta como destino. (Baére; Zanello, 2020, p. 129)

Ainda de acordo com o estudo de Baére e Zanello, os homens gays dão mais importância para a liberdade e desejo sexual durante a juventude, e o envelhecer traz a iminência da impossibilidade de ter tantos parceiros sexuais quanto tinham na fase

jovem de suas vidas. O envelhecimento para homens gays é a entrada para a invisibilidade no campo dos interesses sexuais de homens gays mais jovens. Ou seja, a perda da virilidade e a perda da “beleza” são características marcantes no envelhecimento de homens gays (Simões, 2011).

Sobre o envelhecimento de lésbicas, o artigo aponta que elas procuram em suas parceiras a satisfação sexual, e parecem experienciar uma maior liberdade de performance de gênero no envelhecimento do que no período da juventude. A experiência do envelhecimento lésbico atua no dispositivo amoroso na procura de segurança e desejo sexual.

> [...] no caso das lésbicas, o encontro entre esses dois dispositivos, sobretudo na velhice, apresenta-se como uma postura protetiva, que auxilia no atravessamento das adversidades dessa fase, ao invés da focalização nas ausências, nas perdas, tão presente no discurso dos homens. (Baére; Zanello, 2020, p. 134)

Abordar as diferentes formas que a homossexualidade na velhice passa a ser vivenciada a depender do gênero traz também o questionamento de como o dispositivo de gênero pode atuar no processo de luto. No estudo de Baére e Zanello (2020) foi possível perceber que tanto os homens quanto as mulheres estavam em relacionamentos duradouros ou queriam estar em relacionamentos longevos.

Parece que existe nos homens idosos uma percepção de que não vão mais ser escolhidos no âmbito amoroso e sexual. Será que diante da perda de um marido eles se permitiriam a voltar a se relacionar? No caso das mulheres idosas lésbicas, ao contrário do que muitas heterossexuais sentem sobre não serem mais desejadas na velhice, elas querem se manter ativas e continuam se atraindo por outras mulheres idosas. Será que mais mulheres viúvas lésbicas se permitem a novos relacionamentos amorosos do que os homens?

O envelhecimento de homens e mulheres homossexuais passa também por particularidades da experiência de gênero, e principalmente pela singularidade do ambiente em que foi possível ou não vivenciar a sexualidade. Os questionamentos trazidos acima são feitos a partir dessa ótica.

Ao trazer as pessoas LGBTQIA+ representadas por uma mesma sigla, é necessário marcar as especificidades que cada letra vivencia no envelhecimento. Neste trabalho consta a inter-relação entre a vivência de idosos, gay e lésbica, com o luto e com outros atravessamentos particulares, como por exemplo de que jeito o

HIV/Aids fez e faz parte da história de muitos homens gays idosos mesmo que eles não sejam soropositivos.

A população transsexual e travesti tem seu envelhecimento vivenciado antes da idade estipulada pela OMS, pois as violências cometidas com essa população têm consequências nas expectativas de vida. De acordo com o dossiê realizado em 2022 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), entre 2017 e 2022 houve 912 assassinatos de pessoas trans e não binárias no Brasil.

Um dos poucos estudos que aborda o envelhecer travesti é a pesquisa de Antunes (2013), na qual o autor relata e analisa histórias de vida de travestis em processo de envelhecimento. Faltam pesquisas que contabilizem a população trans e os óbitos para visibilizar o impacto que essas violências trazem para a perspectiva de envelhecimento delas.

Em seu livro *Velhice Transviada* (2019), João Nery traz um capítulo com o intitulado “A velhice começou aos doze”, no qual relata a história da travesti Anyky, que aos 62 anos conta como sua velhice começou aos doze devido a violência familiar e social. Ela relata que foi expulsa de casa por sua mãe aos 12 anos e nessa idade encontrou na prostituição uma forma de conseguir comer e um prostíbulo para morar.

Anyky foi militante e ativista na luta por direitos para pessoas trans e travestis até seus últimos dias de vida, falecendo aos 65 anos, em 2021. A sua morte aos 65 anos diz de uma realidade que muitas travestis e mulheres trans receiam não vivenciar, que é o próprio processo de envelhecimento e uma morte que não está relacionada a uma violência.

Nery apresenta sua percepção do processo de envelhecer enquanto um homem trans. O autor inicia o livro com uma poesia de sua autoria, escrita aos 35 anos, intitulada “Velhice”. Transcrevemos um breve trecho logo abaixo:

> Gostaria de recebê-la docemente, sem pensar. Envelhecer de tudo no mesmo ritmo das células. Mas, já que és futuro indesejado e temido, faz-te atraente e tranquila. esvazia o sentido dos meus assustamentos, torna-me sedentário no corpo e na alma, conciliando assim o ter com o desejar. Dá-me enfim a ousadia necessária de me ver gargalhar, com a dentadura a gargalhar dentro do copo.(Nery, 2019, p. 14)

Um acontecimento notado ao longo da coleta de dados de nossa pesquisa é que mesmo com a mediação da ONG EternamenteSOU, não tivemos conhecimento de pessoas trans e travestis idosas que tinham vivenciado um casamento e nem

vivenciado um luto por viuvez. Isso talvez nos sinalize a dificuldade de encontrar pessoas trans idosas, justamente pela violência e morte precoce dessa população.

Outra reflexão é que muitas pessoas trans e travestis no envelhecimento são obrigadas a destransicionar — ou “des-transformar”, como é dito por Antunes e Mercadante (2011) —, seja para receber um cuidado familiar de quem não aceita sua identidade de gênero ou, ainda, para ser institucionalizada em locais que deveriam ser de cuidados.

Ainda no mesmo artigo citado acima, Baére e Zanello trazem que muitas travestis são desvalorizadas no envelhecimento, como se perdessem suas “funções”, principalmente atreladas à prostituição. Ao não ter mais um lugar na prostituição, muitas precisam trabalhar em outras funções, e para isso se veem também obrigadas a se vestir e a se comportar dentro das normas cisgêneras, ou seja, performar um homem cisgênero.

O envelhecimento, muitas vezes inatingível para a população trans, pode ser mais um agravante de violências e de negligência de profissionais da saúde. Se mulheres cis idosas lésbicas muitas vezes são negligenciadas no atendimento ginecológico por não terem relações sexuais com penetração, os homens trans também são receosos de irem a consultas ginecológicas pois muitas vezes os profissionais não estão capacitados para atender as especificidades dessas populações (Crenitte; Melo; Jacob-Filho; Avelino-Silva, 2023).

1.1 Parcerias homossexuais e Conjugalidade

Falar em parcerias homossexuais é trazer uma diferenciação presente dentro da comunidade de lésbicas, gays e bissexuais, do que é a parceria amorosa e do que é um casamento ou uma união estável.

Nem toda parceria amorosa se torna um casamento ou uma união estável. Até mesmo o que configura uma parceria amorosa dentro dos vínculos LGBTQIA+ tem suas diferenças com a parceria amorosa heterossexual.

No artigo “Conjugalidades Longevas: Os Vínculos Amorosos de Casais homoafetivos” (Berttran, 2021) a pesquisadora entrevistou casais homossexuais, de gays e lésbicas, com mais de 30 anos de conjugalidade, com o objetivo de compreender como esses vínculos foram possíveis sem apoio familiar ou/e institucional. Na análise das entrevistas, foi demonstrado que as alianças amorosas

homoafetivas permanecem estáveis mesmo quando vividas de forma anônima, ou apenas com a validação do grupo de iguais.

A parceria amorosa é sobre compartilhamento de vida, responsabilidades, interesses e projetos juntos. Casais podem ter parceria amorosa mesmo não habitando a mesma casa, e podem se manter em parceria amorosa durante anos mesmo sem se casarem. Porém, isso precisa ser olhado por um prisma que indica quais diferenças de direitos os casais heterossexuais e homossexuais possuem, para que assim possa existir de fato uma escolha sobre as preferências singulares que cada casal quer vivenciar.

No ano de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou 60 mil casais em parcerias homoafetivas no país. Destes, 53% eram uniões compostas por mulheres.

Doze anos atrás, em 2011, depois de muita reivindicação da Comunidade LGBTQIA+, o STF reconheceu a união homoafetiva como uma união válida de núcleo familiar, ou seja, reconheceu que casais homossexuais poderiam constituir família. Mesmo assim, muitos cartórios continuavam negando o reconhecimento de uniões estáveis para casais homossexuais.

Foi em 2013, a partir da resolução 175 do Conselho Nacional de Justiça, que a união estável em casais homossexuais passou a ser válida no país. Essa resolução permite a conversão de união estável em casamento civil nos cartórios do Brasil, por ser uma regulamentação nacional. Desde 2013, aconteceram 67.938 uniões oficializadas no Brasil.

No ano de 2022, 11.945 casais homossexuais tiveram sua união estável oficializada em cartório. Esse dado foi divulgado pela Associação dos Notários e Registradores do Brasil (Anoreg).

Infelizmente, o fundamentalismo religioso continua se apropriando da defesa do casamento heterossexual apenas com fins de procriação e enquanto único modelo de família. Um exemplo disso é que no ano de 2023 o Pastor Eurico (PL-PE) reabriu um projeto de lei de 2007, o PL5167/2009, visando modificar seu conteúdo em favor de proibir a equiparação do casamento de pessoas do mesmo sexo ao casamento heterossexual. Mesmo esse projeto de lei sendo inconstitucional, conseguiu a maioria de votos para aprovação na Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados (Agência Câmara de Notícias, 2023) para seguir em trâmite.

O casamento heterossexual é garantido por lei e tem sua validação social e política. Mesmo com tantas conquistas, o casamento igualitário no Brasil ainda não é garantido por lei, e sim pela justiça. Existe um projeto em trâmite (nº612, 2011), da ex-senadora Marta Suplicy (PT-SP), que retira as menções de gênero em relação ao casamento, pois na Lei ainda se diz em casamento apenas entre “homem e mulher”.

Justamente por ser um direito e não uma lei, existe um risco de ser aprovado pelo Congresso Nacional uma lei para a proibição do casamento entre pessoas do mesmo gênero. Mesmo que haja recursos e possibilidade de judicialização, é um risco possível que depende de quem está representando essa comunidade dentro do Congresso.

Ter o casamento igualitário enquanto lei é sobre garantir os direitos conquistados pela população LGBTQIA+. O casamento e a união estável garantem partilha e acesso a bens, herança, partilha de plano de saúde e tomada de decisões no fim de vida. Falar sobre viuvez em casais homossexuais é lutar pela garantia desses direitos também no momento de perda e luto.

Por mais que a procura por oficialização da união amorosa continue aumentando, é uma conquista recente e ainda diz pouco sobre como a experiência afetivo-sexual aparece para a população LGBTQIA+.

Para muitos idosos gays e lésbicas a maior parte da sua sexualidade foi vivenciada em uma época em que o silenciamento e a não-nomeação de suas relações amorosas eram formas de proteção ao que os outros poderiam pensar e/ou dizer a respeito. Como citado nos dados acima, a união oficializada de casais homossexuais no Brasil é recente, e idosos viveram relações amorosas sem direitos e muitas vezes sem nem poder se autoconhecer (ou se nomearem) como viúvos/as.

Atualmente, mais casais homossexuais podem viver seus relacionamentos fora do armário, mesmo que ainda muitos receiem a reação negativa da família e a discriminação no ambiente de trabalho.

Sedgwick (2007) aponta que nos deparamos com novos armários a cada espaço adentrado, e que são poucas pessoas que estão fora dele em todos os espaços importantes que ocupam. A autora marca que o público e o privado não se separam para os gays, pois constantemente suas intimidades são expostas, invadidas e julgadas.

Ainda sobre o armário, Sedgwick (2007, p. 40) sinaliza que “assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta,

com o armário do outro”. O armário não garante proteção, assim como a saída dele também não garante liberdade. As ambiguidades e contradições desse armário seguem aparecendo para pessoas LGBTQIA+. Essas configurações amorosas, profundamente afetadas pela homofobia, lesbofobia, bifobia, transfobia e contextos políticos e sociais de cada época, trazem diferentes formas de nomear e perceber a própria relação.

Para se iniciar os diálogos sobre Luto por Viuvez, é necessário refletir sobre a variedade de significados que o casamento pode ter em uma devida sociedade, levando em consideração o contexto histórico e como ele está relacionado às dinâmicas de poder (Foucault, 1979).

Ainda no século XX, o casamento heterossexual ocidental estava dentro de uma lógica patriarcal em que a mulher branca não podia trabalhar e suas funções estavam restritas a cuidar da casa, dos filhos e do marido, sendo muitas vezes o casamento monogâmico uma forma de controle social e econômico, em que o amor não necessariamente era o motivo da união conjugal (Torres, 2001).

O casamento e a instituição familiar se originaram de interesses econômicos e de constituição da propriedade privada (Engels, 1986). A romantização e o casamento por amor veio com a modernidade, com a industrialização, o individualismo e a possibilidade de se vincular por outras razões. (Araújo, 2002). A pesquisadora Araújo cita o autor Mcfarlane (1990), que cunhou o termo “casamento mathulsiano”, para nomear o modelo de casamento realizado por afeto e companheirismo, no qual o objetivo não é a reprodução.

Isso ecoa no século XXI, em casamentos heterossexuais que muitas vezes são mantidos através da coerção feminina, quando a mulher entende que precisa se responsabilizar pelo casamento, com a falsa ideia de que ela pode garantir que o matrimônio seja bem-sucedido.

Até mesmo nos casamentos que são desejados e em que o amor é a motivação para a união do casal é necessário levar em consideração que esse casal será atravessado pelo patriarcado e normas sociais. No dicionário Houaiss, “patriarcado” é a junção das palavras gregas “pater” e “arkhe”, que significam “pai” e “origem” ou “comando”, respectivamente. De acordo com Delphy (2009), “patriarcado” é uma palavra que ressurgiu com novo sentido a partir da Segunda Onda Feminista, em 1970, no Ocidente.

Na perspectiva feminista (Delphy, 2009), patriarcado é sobre uma estrutura social em que o homem detém o poder sobre a mulher, tanto dentro do casamento quanto na sociedade enquanto figura de dominação.

Se um casamento heterossexual é também constituído pelos papéis sociais designados a homens e mulheres, como funcionam essas dinâmicas em um casamento homossexual? Esses papéis estão atribuídos apenas no contexto heterossexual, ou nas relações homossexuais os papeis de gênero aparecem? Como os atravessamentos de não ter a relação nomeada como casamento pode interferir ou não no processo de luto em casos de viuvez?

Uma parte dessas perguntas e possíveis respostas retornam nas percepções sobre as entrevistas, mas a outra fica para novos trabalhos e produções acadêmicas que abordem, num futuro próximo, as especificidades das conjugalidades LGBTQIA+.

CAPÍTULO 2: LUTO

> Primeiro, não queremos perder. É lógico não querer perder. Não deveríamos ter de perder nada: nem saúde, nem afetos, nem pessoas amadas. Mas a realidade é outra: experimentamos uma constante alternância de ganhos e perdas. (Lya Luft)

O luto surge a partir de um contexto de perda, seja uma perda concreta por falecimento ou pelas inúmeras perdas simbólicas (Kovács, 1992) que ocorrem durante o processo vital. A perda da imagem corporal associada à juventude, perda da mobilidade física — podendo ser decorrente de algum adoecimento —, perdas relacionadas à aposentadoria, perdas de vínculos, perda da "permissão social" de utilizar determinadas roupas e frequentar determinados lugares, como bares e baladas — principalmente as mulheres na medida em que envelhecem —, são alguns exemplos do que é perda simbólica.

Como bem pontua Lya Luft em *Perdas e ganhos* (2006), ninguém deseja perder, e o luto evidencia o vazio deixado pelas perdas recorrentes e como elas nos fazem sentir. A constante de perdas e ganhos também varia considerando que não é um processo homogêneo, e a perda e o luto também são vividos de maneira singular, a partir da própria trajetória e significação para os acontecimentos da vida.

Para Parkes (1998), o luto é visto enquanto um processo e não enquanto algo a ser superado. O luto acompanha a pessoa durante sua trajetória, e pode ser transformado para que outros meios de lembrar da perda existam além da dor.

Nos estudos de Parkes sobre perda na vida adulta o autor tece considerações de suas pesquisas realizadas com viúvas em processo de luto. Ele percebe que nas falas aparece perda de identidade em relatos como "Enorme Vazio", "Sinto como metade de mim tivesse desaparecido", o que mostra que na perda a pessoa que permanece precisa rever suas próprias visões de mundo, já que as que existiam junto à pessoa perdida podem perder o sentido.

Esse processo é nomeado pelo autor como "transição psicossocial"/"TPS" (1998), e não ocorre apenas na viuvez, mas também quando se vivencia rupturas durante a vida. Seja a perda de um membro do corpo, mudança de cidade, términos — tudo que possa causar uma quebra de expectativas e demandar uma nova forma de se posicionar quanto a vida.

> Uma TPS não somente nos leva a rever um grande número de concepções sobre o mundo, como a maior parte dessas concepções torna-se hábitos de pensamento e comportamento que agora são virtualmente automáticos. Uma viúva pode sentar-se para o café da manhã e constatar que pôs a mesa para dois, quando há apenas uma pessoa. Diante de um problema, vai se pegar pensando: “Preciso perguntar a meu marido sobre isto”. Em ambos os casos, ela continua operando um conjunto de concepções que se tornam obsoletas. Por algum tempo, terá de cuidar do que pensa e fala; nada mais tem as garantias de antes. O mundo conhecido, subitamente, transforma-se em desconhecido. Os hábitos de pensamento podem decepcioná-la, ela perdeu a confiança no que possuía de mais simples, seu modelo interno de mundo, e por isso pode perder a confiança em si mesma. (Parkes, 1998, p. 116)

Freud, em seu texto *Luto e Melancolia* (1917 [1915]), afirma que o luto é a forma que reagimos ao perder um objeto de amor e que uma das reações esperadas é que ao identificar que o objeto amado perdido não é recuperável, se vive um período de desinteresse e desinvestimento do mundo externo e também de outras possibilidades de investimento libidinal.

Ao descrever sobre os processos de luto e melancolia, o psicanalista diz das semelhanças entre eles, mas distingue o quadro de luto ao de melancolia, quando aponta que no luto a autoestima não é afetada. “No luto, é o próprio mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu.” (Freud, 2010, p. 176).

Sem adentrar nas especificidades da Melancolia, é importante mencionar um ponto importante que Freud escreve sobre a perda: o conceito de “ambivalência das relações amorosas”. É possível aparecer no processo de luto os mais diversos sentimentos, atrelados a si mesmo, à situação da perda e em relação à pessoa perdida. Raiva, ódio, culpa, tristeza. Esses são alguns dos sentimentos que podem surgir de forma desordenada e ambígua.

A psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross (1998) é outra importante referência nos estudos sobre luto. De acordo com a autora, esse processo se dá em fases que podem acontecer simultaneamente, ou de forma linear ou até mesmo de forma desordenada. São cinco fases que sucedem a perda ou o encontro com a possibilidade da morte, que consistem em: Negação, Raiva, Barganha, Depressão e Aceitação. Essas fases servem como orientação para entender o sentido singular e único que cada um vivencia o próprio processo de luto.

O luto e suas afetações também estão associados a cultura e sociedade, além das características únicas presentes na relação com a pessoa perdida. Na segunda temporada da série *Pose* o luto coletivo pela morte da personagem Miss Candy é vivenciado na cena do funeral, mas principalmente em uma homenagem glamourosa

a ela no “Baile”, pois era nas competições que muitas meninas trans representadas na série encontravam sentido de continuar vivendo e resistindo a tanta violência.

Nessa cena, trazida pela série *Pose*, o luto coletivo marca a sobrevivência às violências de transfobia e homofobia, ao medo de morrer pela AIDS e ao racismo. A forma como o enlutamento aparece na série é através do fortalecimento de vínculo entre as personagens, união que permite que dentro do baile elas prestem homenagens às suas perdas.

A forma como o luto é vivenciado na cultura ocidental vem se modificando ao longo dos tempos. Philippe Ariès (1989), em seu clássico estudo sobre a relação do ser humano com a morte, afirma que a morte na Idade Média, por exemplo, era “domada”, cotidiana, e até mesmo seus ritos de despedida estavam presentes dentro do espaço familiar. De acordo com o autor, com o processo de industrialização a morte passa a ser “escondida”, “invertida”, emergindo a urgência de se estar voltado para o trabalho, para o desenvolvimento individual e distanciado da morte.

A morte está escancarada na mídia diariamente: o que antes gerava horror, hoje é cotidiano. A pandemia por COVID-19 trazia dados diários de milhares de vidas perdidas, e junto às notícias aparecia uma sensação de impotência. Para bell hooks[4], “Quando o culto à morte está fundamentado no medo, ele não nos permite viver plenamente ou bem” (hooks, 2021, p. 225).

A morte representada na mídia em excesso pode gerar indiferença, principalmente quando há impedimento ou negação desse luto ser vivido no âmbito social e coletivo.

O luto no período da COVID-19 foi atravessado pelo contexto da época, principalmente por falas do então presidente, Jair Bolsonaro. Como por exemplo a frase “Eu não sou coveiro”, proferida a um jornalista que o questionava sobre as crescentes mortes, em abril de 2020[5]. Além disso, muitos corpos não puderam ser velados e foram enterrados em valas comuns, sem direito a despedidas. Muitas pessoas não puderam ter um momento de despedida com a pessoa amada perdida.

Butler (2019) nos auxilia a refletir sobre quais corpos são enlutáveis e quais não o são, quais são choráveis na esfera pública e possuem o direito do enlutamento

---

[4] O nome de bell hooks é grafado todo em letras minúsculas devido ao posicionamento da própria autora, que queria o enfoque em sua escrita, não em si mesma.

[5] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aIpUbYjjdn0>.

social e quais não são considerados nem mesmo vidas para serem consideradas perdas dignas de luto. A autora também diz de uma perspectiva que entende o enlutamento como processo coletivo, político, não individual.

> Proponho considerar uma dimensão da vida política que tem a ver com a nossa exposição à violência e nossa cumplicidade para com ela, com nossa vulnerabilidade à perda e ao trabalho de luto que se segue, e com a busca de uma base para a comunidade em tais condições. (Butler, 2020, p. 39)

As falas de Bolsonaro e de muitos que o apoiavam marcaram que para eles essas vidas não eram enlutáveis, assim como as vidas de LGBTQIA+, idosos, negros e pobres também não comovem a esfera pública e o luto por essas perdas se torna "não reconhecido". De acordo com Doka (1999), o "luto não reconhecido" é quando, por impedimentos sociais, o luto pela perda de alguém não é publicamente reconhecido.

A desumanização da morte traz consigo a problemática de uma existência sem valor. Refletir sobre quais direitos serão assegurados na morte e nos ritos de luto implica também reivindicar uma transformação do luto como um recurso para a política e para transformações sociais em prol da equidade.

Existe um grande fosso entre garantir políticas de sobrevivência e de vida digna em uma sociedade que segrega pessoas LGBTQIA+ e o processo de transformar a morte e a finitude em algo menos temido, e que ainda possa trazer sentido e potência à vida.

Um dos propósitos deste trabalho está em questionar como o enlutamento por pessoas amadas pode provocar também uma percepção da própria finitude, revirando a vida e demandando reorganizações. Tudo isso vivenciado dentro de um contexto em que a vida de pessoas LGBTQIA+ não estão protegidas por direitos, e muitas vezes são invisibilizadas e invalidadas nas esferas privadas e públicas. Se já é um processo complexo e doloroso se reorganizar perante uma perda, os lutos de pessoas LGBTQIA+ somam-se aos preconceitos e riscos de perdas de direitos enfrentados diariamente.

Sobre esse processo de reatar laços e reaproximações com a morte, trago uma citação de Nobert Elias, um trecho retirado do livro *A solidão dos moribundos*:

> Há várias maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas, incluídas as das pessoas que amamos, têm um fim: O fim da vida humana, que chamamos de morte, pode ser mitologizado pela ideia de uma outra vida no Hades ou no

> Valhalla, no Inferno ou no paraíso. Essa é a forma mais antiga e comum de os humanos enfrentarem a finitude da vida. Podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível — encobrindo e reprimindo a ideia indesejada — ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade — "os outros morrem, eu não". Há uma forte tendência nesse sentido nas sociedades avançadas de nossos dias. Finalmente, podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida. Podemos considerar parte de nossa tarefa fazer com que o fim, a despedida dos seres humanos, quando chegar, seja tão fácil e agradável quanto possível para os outros e para nós mesmos… (Elias, 2001. p. 5).

bell hooks diz, de forma sensível e poética, que falar sobre a morte é falar de vida, que falar sobre luto é honrar o legado deixado por quem se foi. O amor permite transformações na forma como encara-se a vida e a morte, encoraja enlutar-se perante uma sociedade que condena o sofrimento, que nega a finitude. O amor pode conduzir o processo de luto. Nas palavras da autora:

> Dado que o compromisso é um aspecto importante no amor, nós que amamos sabemos que devemos preservar os laços na vida e na morte. Nosso luto, nossa permissão para que sintamos a perda de pessoas que amamos, é uma expressão do nosso compromisso, uma forma de comunicação e comunhão. Saber disso e ter a coragem de reivindicar o nosso luto como uma expressão de amor não torna o processo simples numa cultura que nos nega a alquimia emocional do luto. (hooks, 2021, p. 231)

2.1 Especificidades do Luto por viuvez LGBTQIA+

A partir dos registros trazidos sobre casamento e conjugalidades, é possível pensar que a viuvez pode ter significados distintos de acordo com cada história e vivência enquanto casal, mas também em conjunto com o período histórico e expectativas sociais vigentes do momento vivenciado.

De acordo com Tôrres (2006), a viuvez significa criar uma nova identidade social, um novo estado civil que muda expressivamente a história de quem permanece. Em seu trabalho na Universidade Aberta da Terceira Idade, com idosos heterossexuais vivenciando a viuvez, ela notou que para alguns deles a perda significava solidão e tristeza, enquanto para outros, no caso mulheres idosas, significava libertação e alívio.

Os sentidos de "libertação" e "alívio" têm relação com o que foi abordado anteriormente sobre o patriarcado atuando no casamento heterossexual. Nesse contexto, o casamento é uma obrigação para que a mulher cumpra sua função social

de procriação. Muitas delas são vítimas de violências físicas e/ou psicológicas, além de dependerem financeiramente de seus maridos. Esta dependência financeira é frequentemente o motivo principal que as mantém reféns da relação.

As referências utilizadas acima estão tratando de problemáticas presentes dentro de um casamento heterossexual. São precisos estudos próprios voltados para as parcerias homossexuais e suas dinâmicas para colher dados que discutam problemáticas e violências que podem ocorrer dentro de parcerias longevas na população LGBTQIA+.

O paralelo feito entre parcerias românticas heterossexuais e homossexuais não tem a intenção de homogeneizar o funcionamento delas, e nem de dizer que relações amorosas homossexuais não apresentam relatos de violência e aprisionamento por falta de autonomia financeira. A intenção de estabelecer esse paralelo é justamente para destacar os atravessamentos diferentes que perpassam essas parcerias, homos e héteros, da vida adulta até o envelhecimento.

Alguns poucos materiais de pesquisa sobre a temática da viuvez em LGBTQIA+ foram encontrados, tais como o artigo “When a Partner Dies: Lesbian Windows” (Bent; Magilvy, 2006), o artigo “O Luto Velado: A Experiência de Viúvas Lésbicas em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial” (Arima; Freitas, 2017), e o artigo “A Vivência do luto do cônjuge em idosos gays, lésbicas, bissexuais e/ou trans: Revisão Narrativa” (Gabarra; Pereira Garcia Domingues; Almeida; Santos, 2023). Nem todos esses artigos correlacionam a viuvez com o envelhecimento, mesmo a perda tendo sido vivenciada por uma pessoa com mais de 60 anos.

O artigo sobre a viuvez lésbica (Bent; Magilvy, 2006) sinaliza que a rede de apoio para as viúvas lésbicas é diferente das viúvas heterossexuais da família nuclear, pois a comunidade lésbica é formada por laços simbólicos e de identificação. O apoio para o processo de luto vem dessas amizades construídas com outras lésbicas, e não necessariamente dos vínculos familiares. O artigo identifica os problemas enfrentados pelas viúvas no âmbito jurídico, social, familiar e hospitalar, principalmente atrelado ao contexto delas serem “assumidas” ou não.

Já no artigo do luto velado (Arima; Freitas, 2017), duas viúvas lésbicas relatam suas perdas e as autoras indicam pontos em comum no processo de luto das duas. Ambas vivenciaram a solidão, as alterações no humor e na saúde, e ambas tiveram que reestruturarem sozinhas a rotina e os planos de vida após as perdas.

E no terceiro artigo citado, os autores (Gabarra; Pereira Garcia Domingues; Almeida; Santos, 2023) trazem as “especificidades do luto pela perda do cônjuge na população LGBT”. O texto aponta que as especificidades são barreiras e “estressores sociais”, que podem ter impacto nos rituais de despedida, nas questões financeiras, no não reconhecimento da dor da perda, ausência de aceitação do meio.

É importante que a escuta sobre a perda de um cônjuge, ou de uma companheira/um companheiro, leve em consideração a narrativa de sua história e de qual papel a pessoa perdida possuía. Em relações LGBTQIA+, muitas vezes a história do casal passa por apagamento e invalidação social, e muitos casais mantêm a relação em segredo por medo do preconceito.

Bristowe, Marshall e Harding (2016) propõem o modelo de *“Acceptance-Disclosure*”, sendo entendido como “Modelo de Aceitação-Revelação” nos processos de luto de casais homossexuais. Dentro desse modelo, a aceitação a refere em como a pessoa aceita — ou não — a própria sexualidade e a revelação é sobre ser revelada ou não à outras pessoas. Depois esse modelo se destrincha em quatro eixos de combinações entre “aceitação-revelação”.

O primeiro eixo é sobre Aceitação Aberta (Aceita e Falada), o segundo Aceitação Não-Falada (Aceitação de si, mas sem revelação), o terceiro Exclusão Aberta (Não Aceita, mas falada), e o quarto Invisibilidade (Não aceita e não falada).

Os autores que trabalham com esse modelo trazem uma revisão bibliográfica de artigos sobre luto LGBTQIA+ e relacionam os conteúdos deles ao modelo para avaliar a relação da aceitação e da revelação dentro dos processos de luto.

CAPÍTULO 3: NARRATIVAS, TRANSCRIÇÕES, ANÁLISE DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: TECENDO UMA PESQUISA SOB O OLHAR SOCIAL-ÉTICO-POLÍTICO

A transcrição das entrevistas em sua integralidade pode contribuir para a transmissão do conteúdo valioso que cada uma delas traz através da forma de falar de cada um/a, da forma como conta-se a própria história, narrada a partir dos vínculos e memórias singulares das pessoas entrevistadas com as suas perdas.

Enquanto pesquisadora, entrevistadora e ouvinte, experiencio um lugar em que me torno a pessoa que registra essas histórias e também as eterniza através da escrita.

Não percorro o caminho desta pesquisa sem ser afetada pelo que vivenciei. Desde a minha entrada na ONG EternamenteSOU sou tocada ao conhecer pessoas incríveis que demonstram que a velhice tem desejos, projetos e afetos. Ao conhecer essas velhices passo a projetar o meu futuro, revisito o olhar para os meus amigos bissexuais, gays, lésbicas, trans e travestis, e passo a projetar um amanhã em que continuaremos a ocupar espaços.

Cada uma das duas entrevistas veio de pessoas com quem pude construir um vínculo prévio através da ONG EternamenteSOU. Quando propus um grupo aberto sobre “Luto” em período de isolamento e pandemia, pude conhecer pessoas extraordinárias que confiaram no meu trabalho e na potência do grupo de fortalecer vínculos, criar redes de apoio e validar histórias de vidas.

Houve um segundo grupo dentro da ONG, em paralelo ao de Luto, que era especificamente sobre “Luto por Viuvez”. Esse grupo foi composto por 4 participantes, que confiaram a mim suas memórias, emoções e percepções. No encerramento dessa atividade, apenas uma participante quis seguir com a entrevista para fazer parte desta pesquisa O outro entrevistado foi um convidado externo a esse grupo, mas vinculado à ONG.

Percebo que o Luto não é um processo previsível, não há conceitos que limitem a sua expressão em cada vida e história singular. O grupo para idosos viúvos possibilitou um espaço para que cada uma dessas pessoas verbalizasse suas dores, insatisfações, felicidades, perdas e ganhos na relação.

Nem sempre o luto por uma relação é atrelado apenas à saudade, mas também pode vir com novas percepções e sentidos da relação vivida com a pessoa perdida, que só são possíveis a partir da perda.

Mesmo que os participantes desse grupo não tenham prosseguido com as entrevistas para essa pesquisa, guardo e carrego o que escutei de suas histórias ao longo dos encontros realizados nos atendimentos. Cada participante deixou sua marca na forma que eu ampliei meu olhar sobre os estudos de luto, e pude perceber o impacto positivo que o grupo teve em suas vidas.

Quando formulei as perguntas trazidas no questionário, quis trazer os questionamentos levantados deste a origem deste trabalho. Me deparei com respostas ímpares, que trazem as interpretações que os entrevistados tiveram das perguntas.

É justamente por isso que as perguntas passam a se transformar e a seguir outros rumos de uma entrevista para outra, pois o conteúdo que surge em cada resposta é singular a experiência de cada um/a.

Como cada participante respondeu de suas perdas, falou sobre quem era a pessoa perdida, sobre como vê o próprio processo de luto, foi um conjunto de referências anteriores, modificadas na própria fala e produzindo novos sentidos na troca dialógica com a pesquisadora. Spink (2013), ao dizer das produções de sentido na entrevista:

> [...] o sentido é produzido interativamente e a interação presente não inclui apenas alguém que fala e um outro que ouve, mas todos “os outros” que ainda falam, que ainda ouvem ou que, imaginariamente, poderão falar ou ouvir. (Spink, 2013, p. 146)

Um participante traz um luto como registro histórico, a outra participante fala do seu luto como um sofrimento muito pesado que foi amenizando com o tempo.

As perguntas para o entrevistado Lauro,[6] que detalharemos a seguir, nos trazem um cenário de perda frente ao estigma e pouco recurso para tratar pacientes soropositivos na década de 1980. Esse entrevistado teve que esconder seu enlutamento no espaço de trabalho e encarar a perda de seu marido como uma

[6] Os nomes são fictícios para manter o sigilo dos entrevistados. A maioria dos nomes foram escolhas pessoais dos entrevistados, com exceção de Alexandre, Apollo e Sócrates, nomes que a pesquisadora escolheu com a intenção de manter os nomes masculinos com referências gregas.

sentença de morte para si mesmo. A partir dessa experiência, ele fala de outras perdas amorosas que também vivenciou.

A entrevistada Deusa* conta de um cenário mais recente, da copa de 2014, e preocupada em nomear as datas, traz junto as emoções de cada época. O êxtase do começo do flerte, a descrição da companheira, o dia da perda, a importância da sua rede de apoio para vivenciar esse luto, e um sonho que traz simbolicamente desejos não realizados e inacabados para as duas.

Na obra de Carla Rodrigues (2020) pude encontrar referências aos escritos de Judith Butler sobre luto. Carla traz, desde a apresentação de seu livro, a exigência de que o luto seja uma posição ética, de reivindicações políticas. A autora traz articulações teóricas sobre os enlutamentos por COVID-19 no contexto do governo Bolsonaro, e também o enlutamento coletivo de Marielle Franco. Nas palavras da autora:

> Talvez por ter sido impelida a pensar a partir de perda concretas, Butler parece uma filósofa adequada para nos ajudar a elaborar essas questões em relação aos mortos pela covid19, no Brasil e no mundo. Ao entrelaçar reivindicação de direito ao luto público, crítica à violência de Estado, despossessão de si e interdependência, ela desenha uma proposição ética que desloca a morte da condição de Absoluto – como na proposição hegeliana – para a de enlutável, relacional e dada desde o início da vida. (Rodrigues, 2020, p. 74)

Enquanto pesquisadora e profissional de psicologia, ter uma postura social-ético-política sobre o luto é poder entrelaçar as teorias com o posicionamento político de que se enlutar deveria ser um direito a todos. Ter sua relação amorosa reconhecida deveria ser comum a todos, e não só a casais heterossexuais.

3.1 Enlutar-se pelo outro e por si mesmo: A morte de si prenunciada através da perda

> Pois como eu ia dizendo, depois que comecei a cuidar do jardim aprendi tanta coisa, uma delas é que não se deve decretar a morte de um girassol antes do tempo, compreendeu? Algumas pessoas acho que nunca. Mas não é para essas que escrevo.” (Caio F. Abreu)

Conheci Lauro, nome escolhido pelo participante por motivos pessoais, através da minha entrada como psicóloga voluntária da ONG EternamenteSOU. Foi em uma

das primeiras *lives* para falar sobre Luto que ele trouxe sua experiência de viúvo, e também de não ter tido espaço para vivenciar essa perda e ser reconhecido enquanto viúvo no local de trabalho.

Lauro sempre se mostrou aberto a conversar sobre presente, passado e futuro, a dizer da sua experiência de envelhecimento. Seu papel ativo na militância LGBTQIA+ diz sobre sua postura perante a vida e aos percalços dela.

Além das *lives*, nos aproximamos pelo contato possibilitado pela ONG e pude nutrir carinho pela pessoa de Lauro. Com respeito à sua história, e ao perceber a importância que teria deixá-la registrada, o convidei para ser entrevistado.

Conforme já esperava, Lauro aceitou de pronto participar deste trabalho. Nossa comunicação foi fluida, e logo agendamos a data da entrevista, que ocorreu de forma online através do *Google Meet* no dia 13 de setembro de 2022.

Ao rever a gravação da entrevista, reparo que ainda fazia frio em setembro. Eu estava em meu escritório, vestida de blusa de manga longa marrom, com uma echarpe bege por cima, e usava cabelo preso em coque. Lauro estava de moletom azul marinho e óculos de grau, em um cômodo com um quadro atrás.

Antes da gravação iniciar tivemos uma conversa amigável de como estávamos, de como estava o tempo, o que cada um estava fazendo nas últimas semanas. Lauro me conta dos projetos que estava envolvido, da agenda corrida, e eu conto como estava sendo lidar com a clínica e o mestrado. Depois dessa breve conversa, iniciamos a entrevista.

Segue abaixo a transcrição da entrevista completa:

Entrevista 1

Marcela: Eu coloquei para gravar, para a gente começar. E aí tem um roteirinho, ok? As primeiras perguntas são perguntas para registrar na pesquisa sobre cor, classe, gênero, para a gente depois começar algumas perguntas mais abertas. Nenhuma delas tem uma resposta certa. É para que você possa falar abertamente mesmo, o que você pensa, o que te remete, e depois que terminar as perguntas, você fica à vontade para adicionar algum comentário ou alguma outra informação que você lembrou por aí, tá bom?

Lauro: Tá, tranquilo, pode ir.

Marcela: Qual a sua idade?

Lauro: 62 anos.

Marcela: Qual a sua cor/raça?

Lauro: Branco.

Marcela: Com qual gênero você se identifica?

Lauro: Eu sou homem cis.

Marcela: Qual a sua orientação sexual?

Lauro: Sou homossexual.

Marcela: Como é pra você, hoje, falar da sua orientação sexual?

Lauro: Não tenho nenhum problema com isso.

Marcela: Já teve em algum momento?

Lauro: Não. Nunca.

Marcela: Me conta sobre a relação que você teve. Quem é a pessoa que você perdeu? Como ele era?

Lauro: Bom, eu perdi três pessoas, duas das quais eram meus parceiros. Três que foram muito impactantes para mim, dentre os meus amigos e tudo, mas talvez eu tenha perdido até muitos mais.
A primeira foi o Homero, que foi meu namorado, que morreu de AIDS. E Homero era um homem — vou começar pelas características físicas — mas era um homem muito alto, muito forte, era uma Barbie dos anos 80 (risos). Muito bonito, muito bravo, muito

apaixonado, muito ciumento, muito tudo, ele não tinha nada a pouco.
Também sofreu muito pra morrer. Era uma pessoa muito doce comigo, mas ele era bravo com o mundo. E ele também tinha uma coisa, você tinha que estar do lado dele, se ele arrumasse uma confusão, você tinha que estar ali junto, porque senão ele ficava arrasado. Era daqueles que se você brigou com ele, ele é dono da bola e leva a bola embora.
Ele fez isso literalmente! Quando a gente jogava juntos, a gente jogava vôlei juntos. Mas era um ótimo relacionamento, era muito parceiro, muito querido, a gente se amava.

Marcela: Quando vocês se conheceram? Que ano que foi?

Lauro: 1986.

Marcela: E você se relacionou por quanto tempo?

Lauro: Ele morreu em 88… Foram dois anos. E dos quais, quatro meses na doença dele mesmo. Ele já ficou doente nos quatro últimos meses antes de morrer. E morreu. Enfim... E tem coisas que eu começo a lembrar agora.
Ele era um cara muito bom. Era um cara muito simples. Ele tinha uma... Uma forma de ver a vida muito “pão, pão, queijo, queijo". Ele não era uma pessoa de muita subjetividade, mas era uma pessoa muito apaixonada. Ele era até exagerado.
E era curioso porque ele gostava de tomar sol no Ibirapuera e naquela época ele usava sunga para tomar sol no Ibirapuera. E a primeira vez que eu vi aquilo eu achei estranho porque nunca tinha visto um paulista usar sunga num parque público, né? E era aquela sunga gay, né, meu?
Ele era um cara muito masculino, mas ele tinha uma alma delicada, uma alma mais feminina, né? Apesar de todo esse jeito dele. E aí quando eu vi aquilo eu fiquei olhando assim e achei uma delícia, né?
Ah, mas eu fiquei olhando e todas as pessoas que passavam ficavam olhando porque ele era um homem muito grande, muito bonito com aquela sunga e eu nunca esqueço daquilo. Foi a primeira vez que eu vi uma pessoa tomar sol de sunga num parque público. Depois eu vi em outros lugares do mundo, mas naquela época em São Paulo, eu nunca tinha visto.

Então tinha uma parte dele que era muito exibicionista, adorava ser olhado e observado. Um jeito meio narcisista dele. Qualquer desatenção sua fazia ele sofrer bastante.

Marcela: Uma pessoa apaixonada, simples, narcisista, forte, exibicionista. Isso são partes de como você o descreveu. E como foi pra você quando você descobriu que ele estava doente, que ele estava internado?

Lauro: Foi um desastre. Foi um acidente de avião. Caiu, parece que todo mundo morreu. Foi muito dramático porque ele estava muito branquinho, estava estranho, estava emagrecendo. E ele foi fazer um concurso para a Caixa Econômica Federal. Ele passou, só que fizeram nos exames admissionais fizeram um exame de HIV sem ele saber. E aí não aprovaram ele no exame de saúde. Ele quis saber, insistiu tudo e o cara falou.
E ele saiu de lá e foi direto pro meu trabalho, que eu trabalhava aqui no centro de São Paulo. E eu estava em horário de almoço, era um dia muito frio de inverno, bem frio, e eu estava sentado no refeitório do banco.
E aí eu vejo ele na porta do refeitório com uma cara apavorada. Falei "o que foi, cara? O que você quer comer?" Ele falou "não, vamos descer que eu quero conversar com você". Aí ele me contou.
E ele adoeceu muito rapidamente depois daquilo. ‘Cê’ vê que aquilo foi um dos gatilhos pra ele piorar tão rapidamente. Em quatro meses ele morreu, mas morreu de forma bastante rápida. Foi bastante dramática. Era um homem, como eu já te falei, grande, forte, e eu pegava ele no colo quando ele estava no hospital. Ele ficou pesando 42 quilos. Então foi uma coisa muito dramática. Muito difícil. Não só pela morte dele, mas pela anunciação da minha.

Marcela: Como que foi pra você saber que ele era soropositivo?

Lauro: Ah, foi devastador, né? Porque era uma época que não existia medicação. Nenhuma. E eu tinha um emprego, um trabalho muito bom no banco. Eu era analista de sistemas. Tinha uma vida muito privilegiada.
Eu sempre dizia o seguinte, que eu era um cara que tinha o trabalho que eu queria, que tinha os namorados que eu queria, tinha tudo, o meu time sempre ganhava. E ali

eu sofri uma derrota daquelas que você tem que fechar o time, porque não tem mais como recuperar, né? Claro que no primeiro impacto você não se dá conta da extensão. Naquele momento que ele me conta, a minha preocupação maior era como ele ia ficar. Quando ele adoeceu, o hospital foi tudo particular. Então a família dele pagou uma parte, eu paguei outra. Foi uma fortuna, né? Mas depois, aí chegou um momento que eu falei "Não, agora eu preciso fazer exame". E eu fiz e deu positivo. E aí... E eu não falei pra ele.

Marcela: Você fez o exame antes dele falecer?

Lauro: Fiz o exame antes e eu não falei pra ele, porque eu não queria que ele tivesse mais essa dor, né? Uma vez ele perguntou, eu falei "não, tá tudo bem".
Mas aí, quando ele morreu, aí sim que toda aquela carga começou a pesar fortemente. E aí você começa a avaliar as possibilidades de vida que você tem, como é que é.
Eu saí do trabalho. A minha vida durante os quatro anos ela parou totalmente.
Eu fui para os Estados Unidos, eu vendi tudo que eu tinha, e fui para os Estados Unidos porque eu achei que era o único lugar que tinha a possibilidade de ter alguma coisa para fazer. Realmente aquilo salvou minha vida, porque naquele momento eu tive a sorte de conhecer um cara.
Ele queria namorar. Americano, né? Eles querem fazer sexo, mas daqui a 10 minutos eles querem outra coisa. (risos) Ele é muito legal e é meu amigo até hoje…
Ele me apresentou os lugares, eu acabei fazendo umas pesquisas e descobri que eu não ia tomar a AZT que era a única medicação disponível em 89.
Na fase final da medicação a pessoa morria, só que ela morria de forma muito mais complexa, com muitas questões, muitos problemas de saúde a mais do que quem não tomava. A fase final era muito complicada. Então eu voltei de lá disposto a não tomar. E aí passei por um médico aqui que queria me dar AZT, eu falei “não”. Segundo médico, terceiro médico, quarto até chegar no quinto médico. Ele falou “tá na hora”, e eu disse “eu não vou tomar”.
Ele respondeu “Tá bom, o corpo é seu. A gente vai monitorando você até a hora que for possível, até a hora da profilaxia que precisar tomar remédio para infecção pulmonar e essas coisas todas.” E aí foram 10 anos fazendo as profilaxias e quando chegou o coquetel no primeiro ano, eu também não quis tomar.
Falei “não, ainda não”. Aí ele disse “Não, agora você tem que tomar”. E aí tomei, nunca

reclamei e não aconteceu nada.
Então, voltando àquele momento foi desastroso.
Foi a força minha e da minha família que me mantiveram vivos.

Marcela: Na época você compartilhou com a sua família sobre o falecimento do Homero?

Lauro: Sim, a minha irmã foi ao velório. Não tinha como esconder, eu escondi aí um tempo, né? Não falei nada, mas eu vi uma pressão né? As perguntas “Como é que você tá? Como é que você tá?”
Aí quando eu me senti um pouco mais confortável com essa situação, um pouco mais tranquilo, em paz, aí eu compartilhei porque eu achei que se eu compartilhasse esse momento de muita angústia, eles também iam passar por uma angústia muito foda. E realmente passaram depois.

Marcela: E eles [sua família] já tinham contato com o Homero desde antes do adoecimento?

Lauro: Eles conheciam o Homero, mas não eram próximos. O Homero era uma pessoa muito difícil. Ele brigava comigo e aí fazia malcriação pra minha mãe (risos). Então ela não gostava muito dele não.
Quando ele morreu foi punk.
Eu nunca esqueço do dia que ele morreu… Minha irmã foi lá no meu apartamento… E naquela época eu tomava whisky, né?
E aí ela fez um copo de Whisky daqueles com 3 doses, botou um gelo, que eu não gostava com gelo, né? Mas ela botou, eu tomei e eu lembro de ter acordado do dia seguinte como se tivesse sido um pesadelo. Me perguntei “isso não aconteceu, né?”
Aí mas tinha acontecido, então a vida virou de ponta cabeça e de cabeça para baixo…
Aconteceu uma coisa que eu acho que vale a pena contar.
Eu tinha um trabalho muito legal. Eu te falei, né?
E o que aconteceu naquela coisa de 4 meses do Homero ficar muito doente… Eu tinha um chefe, que era um gerente que trabalhava direto comigo, e que ele era tão homofóbico assim da raiz do cabelo até a ponta do pé, sabe?
E eu lembro que teve alguma propaganda gay que saiu na época, ele dizia “se eu ver

dois caras de mão dada eu vou vomitar, eu vou bater neles". Sempre comentários agressivos.
Então eu não pude dividir com ninguém do trabalho o que estava acontecendo.
No dia que Homero morreu, eu estava trabalhando.
Eu fui ver ele de manhã, que ele estava muito mal e fui para o trabalho. Quando me ligaram, que ele estava mal, eu lembro que eu pedi para sair que eu precisava ver um negócio para mim e no dia seguinte eu não fui trabalhar, mas falei que 'tava' doente.
Não conseguia conviver naquele ambiente tão complexo e eu viúvo, né? Sem ninguém saber. Com aquela dor e tudo, e aí eu sei que depois de 20 poucos dias eu comecei a não ir trabalhar.
Aí eu comecei a faltar, que era uma coisa que não fazia e depois de uns 25 dias eu pedi demissão porque era incompatível estar naquele ambiente.

Marcela: Você falando disso, Lauro, parece que foi possível para você estar presente nos momentos de final de vida do Homero Nos rituais de despedida e no velório do Homero.

Lauro: Sim, sim. Estive presente em todos.

Marcela: Você acha que quando você estava vivenciando o momento de luto e viuvez, o que você acha que significou para você estar em um trabalho com alguém homofóbico?

Lauro: Ah, intolerável! Tanto que quando eu me demiti, no dia seguinte eu fui lá, sentei na sala dele e falei para ele, olha, eu acabei de ficar viúvo. Contei tudo. Contei que pedi demissão porque eu senti que esse era o pior lugar para eu estar na minha vida, com gente que não gosta de mim e que eu precisava estar perto de gente que gostava de mim.
E ele ficou muito mal, eu lembro que ele ficou bem e até me procurou bastante depois e tal, mas eu não estava nem afim, ele já tinha feito o estrago.

Marcela: Na época e hoje, como você lembra que era falar da sua perda e como você acha que é hoje?

Lauro: Ainda dói, né? Dói muito e naquela época não falava.
O que acontece é que não é só o luto dele, mas é o meu pré-luto, como se eu estivesse me preparando para aquilo tudo acontecer comigo.
Então a tristeza pela morte dele acabou sendo engolida de alguma forma pela minha própria.
Tinha um drama rolando ali muito complexo, e ele também sofreu tanto que quando morreu eu achei bom.

Marcela: Existe uma ambiguidade, Lauro. Ao mesmo tempo que você não queria perdê-lo você estava o vendo em um momento de muito sofrimento.

Lauro: Muito sofrimento! Para uma pessoa pragmática como eu, sabia que aquilo não tinha volta, né? Porque, por exemplo, ele morreu de câncer interno nas paredes dos órgãos, chama “sarcoma de kaposi” e ele teve isso dentro do estômago e nos rins. Fez três cirurgias em 4 meses… Ah, ninguém merece, né, meu?
Um cara daquele, professor de Educação Física, cheio de saúde, não comia nem a pele de frango, e essas coisas, né?
Nem sei se havia uma ambiguidade no sentido… É muito louco… Porque o luto, a perda, a dor dele extrapolava meu afeto…
Então eu queria que ele ficasse bem. Se a morte foi a solução, eu queria que ele morresse mesmo. Eu tinha a sensação que qualquer possibilidade de tentar segurar essa pessoa perto de mim era uma relação muito egoísta.
Não sei se você entende isso que eu quero dizer…

Marcela: Você acha que teve um luto antecipatório? Você acha que você vivenciou esse luto dessa possibilidade da perda dele antes?

Lauro: Não, vou te explicar o porquê. Porque ele chegou para mim naquele dia no refeitório para me contar e uma semana depois ele já estava bem doente.
Já começou a ter pneumonia, a ter problemas recorrentes e foi internado em duas semanas. Depois ele já tava internado.
Apesar de ter sido muito complicado, foi bom para ele, foi rápido. Isso foi no inverno de 88, e ele morreu em dezembro. Ou seja, morreu em 4 meses.

Marcela: Foi muito rápido mesmo! Quando você contou para as pessoas próximas, você recebeu apoio delas?

Lauro: Recebi sim, mas principalmente daqueles amigos mais chegados. Da minha irmã, da minha família… Você está perguntando de quando eu contei do HIV, é isso?

Marcela: Não, não. Perguntei em relação a sua perda, mas você pode falar de como foi quando contou do HIV também.

Lauro: Eu falei da perda, isso sim. A gente conversou, eles estiveram comigo no enterro. Eu ‘tive’ muito bem amparado.

Marcela: Do HIV você não contou na época?

Lauro: Não, pra ninguém. Porque eu não sabia administrar isso. Eu não sabia lidar com isso. Como é que as pessoas iam saber naquela época, né?
Hoje é tudo diferente, se hoje você diz “sou soropositivo”. ‘Tá’ bom, então, vai no infectologista, vai ver se precisa tomar medicação e vamos em frente, né?
Claro que não é tão simples assim, mas naquela época não tinha essas possibilidades, eu tinha acabado de ver meu namorado morrer, sabe? Pensava “esse vai ser meu destino”.
Então, fiquei anos com essa espada na cabeça pendurada,

Marcela: Quando passou a ser diferente? Quando você pôde compartilhar com amigos ou familiares sobre o HIV?

Lauro: Quando eu estava me sentindo mais tranquilo com relação a isso, uns 4 ou 5 anos depois.
Mas não que havia a cura, não havia a medicação ainda.
Mas eu me sentia mais em paz, eu comecei a voltar a trabalhar, comecei a dar aula. Eu estava há dois anos sem trabalhar.

Marcela: O que você acha que mostrou para você que você podia continuar vivendo? Que aquilo não necessariamente seria uma sentença de morte?

Lauro: Não, eu continuava achando que era uma sentença de morte, mas eu continuo achando também que todo mundo vive com uma sentença de morte. Passei a entender que aquilo era uma coisa que fazia parte da minha vida e se ela fosse abreviada por isso faz parte.
Começou a ter uma certa paz com relação a isso, né?

Marcela: Importante isso, Lauro. Para que isso que possibilitou que você voltasse a fazer trabalhos, a namorar.

Lauro: Sim. Comecei a namorar e eu era muito louco.
Tinha um amigo meu que falava assim “Lauro, você cumprimenta as pessoas que você tem crush assim, ó: Oi, tudo bem? Eu sou Lauro, eu tenho HIV.” (risos)

Marcela: (Risos) Ah é? E como eles reagiam?

Lauro: Teve um caso lindo, que eu vou te contar rapidinho, e teve um muito triste que eu vou te contar. Muito triste, não, mas foi complicado.
Eu o conheci em 1991 ou 1992, foi a primeira pessoa que eu me interessei muito depois de toda essa confusão, né?
E eu conheci um gay, um cara legal, que se chamava Alexandre.
Alexandre era médico e a gente ficou muito apaixonado, sabe? Depois de 3 semanas. Eu não tive relação sexual com ele, porque eu não tinha contado. E tem essa minha, eu sou muito duro com essa questão da ética, né? Ao mesmo tempo, eu também não evitava dar beijo.
Aí chega um dia que eu falei “agora não passa”, porque eu ‘tô’ com tesão por ele e sabia que ele tinha por mim e a gente vai acabar fazendo isso sem eu conversar. Então, eu convidei o Alexandre para o meu apartamento recém comprado, que não tinha telefone, que tinha nada porque eu juntei todo dinheiro que eu tinha guardado nesse tempo antes que eu achava que ia morrer.
E aí eu falei para ele, vamos rachar um jantar em um lugar legal que eu adorava comer.
Comemos uma comida que eu nunca esqueço, “espaguete cabelinho de anjo com molho de lentilha”, junto com vinho tinto…

‘Tá’, aí eu falei que queria conversar. Contei do meu ex-namorado, que ele tinha morrido.
Aí ele ficou curioso, que ele fez um movimento na cadeira… Sabe quando a pessoa está com os braços em cima da mesa, e eu falei assim “Ah, meu ex-namorado morreu”. Na hora ele tirou os braços da mesa e encostou na cadeira para trás, né? Como se tivesse caído.
E aí ele perguntou “foi do que?”, respondi que morreu de AIDS. Ele levantou e foi embora. Me largou lá sem dizer nada.

Marcela: E aí? Ele foi sem dizer nada?.

Lauro: Ele não conseguiu falar nada. Aí, passaram alguns dias, eu não tinha telefone, né? Como eu comentei com você. E aparece ele lá na portaria, né? Na hora pensei “esse cara veio aqui para falar o que?”, porque tenho um lado muito pragmático meu, né? Quero ver ele vir aqui para falar “Sinto muito. Você precisa de alguma coisa?” Ah, vai tomar no c*, né?
Ele me largou lá sozinho… Então, eu desci e ele estava choroso, perguntando se eu precisava de alguma coisa. Respondi “preciso que você pague metade do jantar porque eu tô duro, eu gastei uma grana com aquele jantar”. E ele achou que era brincadeira, né?
Eu falei “Não, Alexandre. Não é brincadeira não, faz um cheque aí”. Aí ele fez e foi embora.
Acabou aí, mas foi punk, né? Se eu já tinha problema com rejeição imagina como é que eu fiquei.
Depois teve uma outra história que é muito bonitinha, que foi uma vez que eu fui numa festa logo em 1986. Uma festa que só tinha modelo, me falaram para ir que só ia ter homem bonito. E eu também não era feio, né? Eu era um cara legal.
E aí cheguei lá, tinha um cara sentado assim numa mesa. Que coisa, né? O cara, ele ficava olhando, mas não é que eu não achava que era comigo? Olha só como é que ‘tava’ minha autoestima. Até olhei para trás para ver quem é que era o sortudo que ele ‘tava’ olhando.
Ele ‘tava’ me olhando, ele levantou e falou assim “você não vai falar comigo?”, respondi “claro, né, velho? Já tô falando”, e aí a gente conversou e foi muito legal, né? Ele era um cara meio… Ele era bonito, muito bom, mas tinha uma certa limitação,

sabe? Uma certa limitação intelectual, eu achava. Não era nenhuma questão de cultura, mas ele tinha um jeito muito simples, quase simplório de falar. Era um cara muito legal, muito bom, e muito gato também, né?
Aí a gente pegou e marcou para jantar no dia seguinte. Eu já tinha voltado a trabalhar, já dava aula, 'tava' melhor financeiramente, mas ainda não tomava nada. Tinha acabado de sair o coquetel para HIV, mas eu ainda não tinha começado a tomar não.

Marcela: Isso foi quantos anos depois do Homero morrer?

Lauro: Acho que 8 anos… Foi em 86, 88? Não… Eu 'tô' te dando a data errada. Ele faleceu em 87, desculpa.

Marcela: Sem problemas, Lauro. Você vai lembrando por aí.

Lauro: Eu errei aqui por ser tudo tão nebuloso. E aí sim, esse rapaz que eu tava te falando de 96, a gente saiu no dia seguinte e ficamos conversando muito.
Aí a gente saiu para jantar no dia seguinte, eu falei "isso aí não vai nem passar de hoje, né?". Aí falei para ele e tal, comentei que sou soropositivo, e ele olhava e olhava, né? Aí ele virou para mim e falou "agora é tarde, né?" perguntei "por que é tarde?", ele disse "porque agora eu já gosto de você, o que que eu vou fazer?". Ele nem pestanejou! Perguntou " você quer o quê? Que eu vou embora?", e eu falei "não cara, só tô te falando isso para gente tirar isso da frente, vou te proteger, a gente vai se proteger e tudo mais, né?".
E depois de um ano disso daí, um ano e meio eu comecei a tomar remédio. E aí a vida mudou completamente também.

Marcela: Como foi para você ouvir isso dele? Essa reação dele.

Lauro: Ah, fiquei encantado com ele, né?

Marcela: Que contraste! Que diferença da outra reação.

Lauro: Uma diferença brutal. Curioso que depois do Alexandre, eu não tive mais experiência de rejeição assim, forte desse grau.

Teve gente que falou “Desculpa, não consigo lidar com isso”, e que eu acho normal. A ideia era falar para a pessoa poder decidir o que ela queria fazer.
Ou vai ou vai embora, né? Ou então fica mais de outro jeito, né? Sempre foi no intuito de uma questão ética minha, penso que o outro tem que ter essa escolha de querer participar disso de alguma forma ou não.
Mas nesse meio-tempo, em 1993 eu também tive um outro namorado que durou um ano e pouco. Um ano e meio quase e depois ele morreu. O Sócrates.
Ele também morreu junto comigo e tal…

Marcela: Como que foi com o Sócrates?

Lauro: O Sócrates teve menos sofrimento, ele também morreu de AIDS. E ele sofreu menos que o Homero, mas sofreu mais por ter uma revolta profunda por estar com AIDS. Ele sabia que eu sabia, mas não admitia que ele estava.

Marcela: Você compartilhava com ele (sobre ser soropositivo), como era?

Lauro: Ele sabia, desde o começo. Depois eu tinha certeza que ele também sabia dele mesmo, mas não teve coragem de compartilhar comigo.
Mas tudo bem, era o direito dele, né? E eu acho que quando eu compartilhei com ele, ele se sentiu muito confortável na realidade. Porque ele não ia precisar me falar nada porque eu já tinha falado.
Ou seja, eu não ia pegar nada que eu já não tivesse (risos).

Marcela: E como foi esse relacionamento com o Sócrates?

Lauro: Foi muito legal, a gente tinha uma vida sexual muito boa.
Eu gostava muito dele, ele não era uma pessoa que eu amava profundamente, mas eu tinha um bem-estar com ele.
Ele morava muito bem, eu também estava em uma situação um pouco melhor.

Marcela: Ele foi o seu primeiro namorado depois do Homero?

Lauro: Foi, ele foi o primeiro que ficou mais tempo. Mas gostar dele igual eu gostava

do Alexandre, não gostava não.
Tinha mais a ver com desejo do que com amor mesmo.
Eu acompanhei ele, e ele faleceu nos meus braços em casa.

Marcela: Como que foi para você lidar com uma situação parecida com o que você lidou com o Homero? Principalmente nesse último momento de vida deles.

Lauro: Era parecido, mas não era igual. Eu havia me preparado para aquilo de uma outra forma, entendeu? Eu não sei te explicar, mas a morte se tornou uma coisa muito natural.
A possibilidade da morte começou a permear o meu dia a dia. Não que eu tivesse ficado mais frio, porque tinha uma dor muito grande, mas ao mesmo tempo tinha o entendimento mais pacífico sobre aquela possibilidade. Como se chegasse uma aceitação daquele processo.
Na primeira vez que aconteceu com o Homero, foi tudo de uma vez. Eu vi a pessoa em decadência, a perda da beleza, da juventude, da forma, do intelecto. Porque quando a pessoa fica muito doente a vida dela vai se reduzindo, né?
Eu não falo que tira a dignidade, porque eu acho que a dignidade da pessoa é relativa à sensação da vida dela consigo mesma. Por exemplo, hoje a minha vida é digna no sentido de que eu tenho atividade, trabalho, beijo na boca e etc. Talvez daqui a 10 anos a minha dignidade seja ter um lugar confortável para estar. Você entende?

Marcela: Pelo o que eu entendi a dignidade pode se modificar, ela não será sempre a mesma. Certo?

Lauro: A dignidade também não diz respeito ao outro, diz respeito a você mesmo. É o quanto você se sente bem e confortável dentro da sua existência.

Marcela: Você falando isso, parece muito com o que eu te perguntei dos lutos antecipatórios. De ver aquela pessoa que você conhecia de uma forma, se modificando completamente e sendo modificada pelo adoecimento.

Lauro: Exatamente. Com o Homero isso me soou altamente indigno e revoltante. Com o Sócrates não.

Eu tinha uma compreensão sobre aquele processo que me fez sofrer, claro. Sofri quando o Sócrates morreu
Entre 1987 na morte do Homero, e até a morte Sócrates, eu perdi todos os meus amigos. Dentro de um ano eu perdi seis amigos, que eram tão próximos que eu sabia o preço do caixão.
Então, foi um momento que além de tudo eu comecei a conhecer pessoas novas e a fazer outro ciclo de amizade, porque aquele que eu tinha havia acabado.

Marcela: Como que foi para você lidar com as perdas desses amigos?

Lauro: Terrível. Eram amigos que a gente se divertia, amigos de juventude que eu tinha desde os 20 e poucos anos. Alguns deles eram amigos íntimos que sabiam de tudo.
Foi uma merd*, mas passou… Por exemplo, quando eu sento aqui com você e falo sobre esse passado relativamente longínquo dói, mas de alguma forma eu reinventei a minha vida.

Marcela: Você acha que quando você fala desse passado, você fala de um passado doloroso que também te constitui? E que também te possibilita ver que essa dor pode não ser presente hoje, mas que ela também constitui sua história?

Lauro: Eu acho que eu sou o que eu sou por tudo que eu passei. Não seria o mesmo homem se não tivesse passado por tudo que passei. Em contrapartida, eu sou uma pessoa que eu não tenho saudade das coisas, sabe? Eu não fico pensando como determinado lugar era bom. Eu não tenho essa relação com as coisas e com tempo.

Marcela: E como você acha que é isso de não ter saudade? Se não é saudade, como você nomearia o que sente?

Lauro: Eu acho que é história, que é diferente de saudade. Saudade traz uma coisa melancólica que eu não tenho com nada. Saudade tem a ver com uma certa melancolia do que foi e não é mais. Eu trato como um elemento histórico da minha própria história e da história das outras pessoas.
Hoje a gente está aqui conversando sobre coisas que eu não mexo normalmente, mas

que eu tenho certeza que eu vou desligar o telefone e vou trabalhar, vou cuidar da minha vida, vou ver meu filho, vou fazer outras coisas, entendeu? Não vai ficar um amargor, um gosto ruim na boca. Esse gosto já foi, minha boca já ficou muito amarga, não quero mais.

Marcela: Hoje relembrar desses sentimentos pode ser de um outro lugar que não de sofrimento, então?

Lauro: É de um outro lugar, eu tenho um olhar muito histórico. Hoje eu consigo imaginar e entender tudo isso, o impacto que foi dentro de uma comunidade inteira, do mundo inteiro. Hoje não é só mais em mim.

Marcela: Que importante isso! Até poder pensar nesses dois cenários, duas cenas em épocas diferentes. Sendo a primeira o impacto em você, como você se sentia na época, e a sensação de sentença de morte e o que vinha atrelado a isso. E a segunda cena, quando você pôde ver o impacto em uma comunidade inteira e pensar no registro histórico disso.

Lauro: É, quando você faz um estudo sobre velhices LGBTs hoje, você não pode tirar todo esse processo dessa construção. A questão do HIV/AIDS na comunidade não interessa só a homens gays, mulheres lésbicas e pessoas trans. Todas essas pessoas viveram um impacto de forma diferente, mas todas as pessoas que pertenceram a essa geração trazem os impactos dessa ferida existencial.

Marcela: Interessante a forma como você colocou, sobre ser uma “ferida existencial”. Penso que a ferida é uma marca que continua.

Lauro: Exatamente, se eu olhar para ela eu vou saber que não dói tanto quanto doía, mas é uma ferida existencial e eu vou morrer com ela e tudo bem.

Marcela: Você acha que quando a gente fala de uma marca que fica com você a gente também está falando de algo que se torna visível, o contrário de um apagamento dessa história?

Lauro: Exatamente. É como eu te falo, eu não sinto saudade, mas é um processo histórico muito importante tudo isso. Por exemplo, eu lembro dos meus amigos que morreram e eu não tenho vontade de reviver o que tivemos, eu queria que eles estivessem vivos agora. Sinto falta deles ficarem velhos junto comigo. Penso que um estaria milionário, o que adorava dinheiro, e fico pensando em como essa pessoa estaria hoje, o que faríamos juntos hoje. Eu queria que eles estivessem velhos agora comigo.

Marcela: Que importante! Quando você pensa no Homero, te vem isso também? Como é que ele estaria agora?

Lauro: Não, é diferente porque o Homero era um amor, mas não tivemos o mesmo processo de convivência que eu tinha com esses amigos. Claro que eu queria saber como é que estaria velho. Acho que ele estaria um velho insuportável, ou não. Porque ele era uma pessoa muito difícil. (risos)
A melhor coisa que podia acontecer para uma pessoa era ser namorada dele, porque para o namorado ele fazia tudo, mas se você era amigo ou familiar era o inferno na vida. Ele era uma pessoa difícil, mas com os meus amigos a gente tinha uma convivência muito prazerosa, muito íntima e muito querida. Com namorado isso é diferente.
Então, hoje por exemplo, quando eu esqueço do drama do Homero eu fico put* como um relacionamento que acabou, daquelas relações que se acabam. É por isso que eu não trago ele para a minha velhice, mas meus amigos eu trago.

Marcela: Você acha que com o Homero ficou com essa diferença? Com ele foi como se a relação tivesse acabado ali e com os amigos a relação continuava com você?

Lauro: Exatamente, porque não estava implícita na relação de amizade a possibilidade do fim.
Às vezes você tem uma relação afetiva a possibilidade do fim às vezes ‘dá uma lambida na sua nuca’, mas em uma relação de amizade isso raramente acontece. E ela pode se romper, pode acabar e tudo mais, mas é uma coisa que não se pensa. É um outro nível de amor. Fico pensando nos meus amigos, em um específico que eu visitaria na Grécia, que me mandaria um jatinho para me buscar. Fico brincando com

isso.

Marcela: Importante isso que você fala sobre a memória. De forma diferente, para relações amorosas e amizades, mas tem algo muito importante na memória. Outra coisa que eu gostaria de perguntar, é que você falou que foi viúvo de três relacionamentos. Qual foi esse terceiro?

Lauro: É, teve um outro, o Apollo. Teve um que morreu do coração.
Ficamos juntos três anos, mas eu não estava presente com ele no dia em que ele morreu. Um dia ele me ligou dizendo que estava meio mal e eu estava na minha cidade, e aí passou um tempo e uma colega dele ligou dizendo que ele estava internado.
Fui para a cidade dele e não deu nem tempo, ele já tinha morrido.

Marcela: E como foi para você essa perda na época?

Lauro: Olha, eu acho que a perda de alguém que você gosta, que você 'gama', é sempre dolorosa. É uma relação interrompida, né? É uma vida interrompida, muito mais que a minha relação com ele, é uma existência que se encerrou ali de uma forma abrupta.
Não sei se [encerrou] antes da hora, mas ele era novo, tinha 35 anos. Era de uma potência, uma pessoa brilhante, um professor fantástico. Enfim, uma existência que se encerra de forma tão abrupta, de um homem tão jovem e tão bacana, né? E aí também encerra o nosso relacionamento. Foi muito difícil, foi uma morte complicada.

Marcela: Em que momento do relacionamento vocês estavam?

Lauro: Estávamos muito bem, eu o visitava de 15 em 15 dias e ele me visitava de 15 em 15 dias também.
Ele era um professor universitário que, quando eu o conheci, ele vivia como um universitário. Na casa dele não tinha um criado mudo, o colchão no chão, era aquela p*t*ria, né?
Eu que sou paranóico com isso, eu gosto de conforto. Então, era curioso que eu

viajava para a cidade dele de avião, e aí uma vez eu fiz uma viagem de trem para levar cama, criado-mudo, tudo no trem. (risos)
Juro! Quando eu cheguei ele não acreditava que eu tinha trazido toda essa mudança dentro do trem.

Marcela: Você mobiliou a casa dele. (risos)

Lauro: Não foi toda, mas dali para frente ele tomou vergonha e começou a comprar as coisas. Pensei que se eu não colocasse os móveis lá dentro ele não iria tomar vergonha. E aí ele morreu…

Marcela: Quando ele morreu você teve apoio da sua família?

Lauro: Tive muito apoio. Tive muito apoio da minha família e da família dele, mesmo a família dele não sabendo da nossa relação. Apesar de que estava implícito.
Eles eram uma família estranha, meio fria assim, mas muito parceira.

Marcela: Foi possível participar do velório?

Lauro: Sim, pude participar.

Marcela: De todos os três você participou?

Lauro: O do Sócrates foi complicado, e do Homero também foi mais complicado. Do Homero não foi a família que me ligou quando ele morreu. Foi a empregada dele.
No falecimento do Homero eu estava trabalhando quando me ligaram. Tinha ido o visitar e depois voltei para trabalhar, e aí me liga uma pessoa falando que ele estava morrendo. E era nossa empregada, não era ninguém da família dele. A gente morava praticamente na casa dele, mas eu tinha o meu apartamento.

Marcela: Dos três relacionamentos que você trouxe, foi só com o Homero que você morou junto?

Lauro: Sim, depois do Homero eu me casei. Tiveram outras pessoas que eu morei

junto, até durante 10 anos. Mas desses que morreram, o único que eu morei e fiquei mais junto foi o Homero.
Dentro de um ano dava para contar nos dedos quantas vezes eu fui para minha casa, de tanto que eu ficava na casa do Homero. Ele era outro que não tinha cama, tinha só o colchão no chão e aí eu tive que comprar uma cama. (risos)

Marcela: Gostaria de voltar em um ponto. Você disse que teve uma dificuldade em relação ao velório do Homero, que recebeu a notícia através da empregada dele. Volta um pouco nisso, como foi essa dificuldade?

Lauro: Depois quando eu estava lá, eles foram carinhosos e tal, mas eu achei muito estranho ninguém da família dele ter me ligado.
Imagine, eles avisaram a empregada, mas não me avisaram. E até percebi que houve uma coisa meio espantada. Quando eu cheguei eles me disseram que não estavam esperando eu chegar.
Aí depois foi tudo muito triste e a gente acabou se acolhendo na tristeza.

Marcela: Com o Sócrates também houve um estranhamento da parte da família?

Lauro: Com o Sócrates foi pior. A família dele nem imaginava que a gente tinha um relacionamento, entendeu? E aí no velório alguns amigos vinham me consolar. Eu estava muito triste e chorando. Aí eles [familiares] começaram a não entender muito bem, mas também eu não estava me importando porque eu nunca liguei para família, o que me interessava era o filho deles. Esse era o meu lado pragmático também.

Marcela: E a família do Apollo, como eles reagiram?

Lauro: A família do Apollo era muito simples, quase que ingênua. Então não tinha muito essa questão se era namorada ou namorado do meu filho. Estava todo mundo tão triste, tão arrasado. A tristeza genuína da perda é muito maior do que qualquer coisa, né? A tristeza da perda é muito maior do que tudo isso, entendeu?
A existência e a finitude, elas têm um espaço maior que tudo essas besteiras e todas essas pequenezas.

Marcela: Que importante isso que você está dizendo. Até para pensarmos nessa possibilidade de vivenciar o luto independente das diferenças, mas sim como uma possibilidade de vivenciar o luto de forma coletiva.

Lauro: Claro! Por exemplo, eu sou casado com você e você me perde. Será que seu rancor, seu problema comigo pode ser maior do que aquela dor?
A mesma coisa, é que eu posso ter mais de 300 desilusões amorosas e nunca vai ser maior do que o amor que eu tenho pelo meu filho. Não adianta, tem coisa que é maior e pronto.
Então, eu nunca dei muita bola para isso. No velório do Sócrates eu percebi que ficou uma saia justa, mas ninguém me maltratou ou foi violento. Até porque eu sempre fui muito incisivo, né?

Marcela: Você acha que ser mais incisivo e pragmático, como você falou, impactou sua forma de lidar com esses lutos?

Lauro: Sem dúvida. Se você não tem cama, eu vou e compro uma cama, não vou encher seu saco para você comprar. E isso se aplica a muita coisa. Hoje eu sou uma pessoa mais tranquilinha. (risos)

Marcela: Tem sido possível ser pragmático e tranquilinho então. (risos) Mas parece que foi importante ter sido pragmático em certos pontos.

Lauro: Muito! Me fez sobreviver.

Marcela: OIha, tem uma última pergunta que acho que você já respondeu, mas só pra poder ter mais um registro da sua percepção sobre essa pergunta. Em algum momento você deixou de nomear a pessoa perdida como parceiro amoroso por receio da reação de outras pessoas?

Lauro: Nunca. Como a minha viuvez foi rejeitada no ambiente de trabalho, que eu não pude viver a viuvez no ambiente de trabalho como qualquer pessoa teria vivido, qualquer homem casado com mulher e mulher casada com homem teria vivido. Se a mulher dele tivesse morrido, ele teria dias para ficar em casa, as pessoas do trabalho

estariam consolando e estariam com ele no velório. Como eu não vivi isso, depois que eu resolvi sair desse emprego, eu resolvi mudar essa invisibilidade. Eu pensei “agora vou creditar os meus maridos que morreram com o nome de marido, namorado, seja lá o que for”. Em qualquer circunstância que aparecia a questão da viuvez eu falava.

Marcela: Como você quer que suas perdas sejam nomeadas nesta pesquisa? Como maridos ou namorados?

Lauro: O Homero quero que seja registrado como marido e os outros dois como namorados. A relação mais próxima de um casamento foi com o Homero dentre esses três relacionamentos, aí depois eu fui casado mesmo [no papel].

Marcela: Bom, podemos partir do entendimento que independente do registro no papel existe uma percepção de vínculo que pode ser suficiente para nomear uma relação de casamento.

Lauro: Eu nunca fui casado no papel. Quero dizer que fui casado de morar junto, de ficar junto muito tempo e ser muito feliz, viu? Porque tem um pessoal que passou pela HIV/AIDS que acha que o afeto é uma impossibilidade eterna, sabe?

Marcela: Você acha que parece uma punição? Como se por ter HIV não pode ter afeto.

Lauro: Exatamente, como se fosse um “olha como eu errei”, não acho que eu errei. Só estava feliz.
Eu tinha um amigo, que uma vez a gente estava conversando, na década de 90. Esse amigo felizmente está vivo e está ótimo. Enfim, ele tinha descoberto que estava com AIDS, que na época não chamávamos de soropositivo e sim AIDS. Aí ele chegou para mim e ele chorava, ele dizia que tinha errado de novo e perguntei o porquê de ser de novo e ele dizia que era porque a família ia saber que ele era homossexual e que tinha AIDS. Aquilo ficou na minha cabeça.

Marcela: Errou pra quem, né?

Lauro: Pois é, exatamente. Eu acho que outra coisa que me ajudou a trabalhar esses

lutos, foi o fato de nunca ter a homossexualidade como um problema. Não era um problema meu, era um problema para os outros, eu não entendia por que as pessoas não aceitavam.

Marcela: Você acha que isso teve influência na forma como você lidou com esses lutos?

Lauro: Eu acho que fez muita diferença. Porque o meu luto não envolvia culpa. Meu luto envolvia a perda, mas a culpa não.

Marcela: Você acha que não ter tido culpa possibilitou acessar outros caminhos de elaboração para esses lutos?

Lauro: Sem dúvida, a culpa te amarra, a culpa te enforca. Por exemplo, o luto do Sócrates já foi diferente do que foi pelo Homero e do Apollo. No luto pelo Homero eu sofri pelas nossas perdas.
E aí não entra a culpa, você não vai misturar isso.

Marcela: Você disse algo muito significativo sobre isso agora pouco. Que ser gay era um problema para os outros, e não seu.

Lauro: Só vou comentar com você que aconteceu uma coisa a pouquíssimo tempo atrás. Eu tô com muito medo desse negócio de monkeypox, né? Então eu não saio, eu não transo, mas de vez em quando eu fico nervoso, né? (risos)
Teve um rapaz que a gente estava conversando fazia um tempo, aí fomos nos conhecer. E aí eu comentei sobre a questão da HIV e ele também já sabia. E aí ele falou que estava com vontade de me beijar e eu respondi “Vamos se conhecer melhor? Não é nem porque eu sou uma pessoa pudorenta. Mas é por causa do Monkeypox”. Então ele disse que não sabia como é que ficaria comigo, por conta das questões do HIV e eu respondi que isso já era com ele, não era meu e que era para ele se resolver.

Marcela: Como essa separação é importante! Pode ser até libertadora, pensar que um problema para os outros não tem que ser um problema para você resolver ou lidar.

Lauro: Claro, não é meu. Pra isso, para trabalhar com isso, fiquei com 62 anos, né? E ainda tem muita coisa para trabalhar. Agora, esses lutos fizeram uma coisa muito legal comigo. Eu gostei de envelhecer, eu gostei de ficar velho, eu gostei de chegar até aqui. Então, para algumas pessoas isso poderia parecer que a velhice é uma perda. Eu não, eu chego na velhice com o conceito de conquista. Para quem achou que fosse morrer há 35 anos atrás, eu estou aqui, né?
Aí percebo que eu construí uma vida, que eu tive um filho que eu sempre quis ter. Aí eu percebo que esse processo colaborou de alguma forma para que alguns desejos muito íntimos e muito profundos eles fossem se realizando.

Marcela: Poxa! Que bonito poder ouvir isso da velhice como conquista. Até mesmo, você acha que o que você vem construindo no seu trabalho nos últimos anos tem a ver com legado também? Um legado que fala dessas conquistas.

Lauro: Sim, tem a ver com um legado que a gente passa uma vida fazendo. Eu não acredito em religião, eu sou ateu. Então, eu acho que a única coisa que fica é a forma que a pessoa será lembrada nas outras gerações, o dia que a pessoa não for mais lembrada o espírito desaparece.

Marcela: Acho que é uma ótima forma para encerrarmos a entrevista e também poder olhar para toda construção que você foi fazendo ao longo das perguntas e das suas falas. Pensar nas perdas amorosas, nas suas perdas, na perda da relação em si, e como você passou a pensar nas suas conquistas junto a suas perdas, e uma construção de legado a partir de tudo isso.

Lauro: Como eu lidei muito com a possibilidade de finitude, ela não me assusta então ela não me limita. Não sei se você entende o que eu quero dizer. A finitude sempre esteve comigo, eu já era velho com 30 anos, eu já poderia ter morrido com 28, então a finitude não chegou para mim. Tem gente que pensa que a velhice é só estar mais perto da morte, eu sempre estive e todo mundo sempre está perto da morte.

Marcela: Pois é, você mesmo trouxe que o Apollo morreu de infarto e não de HIV. O que você acha que isso trouxe para você, poder pensar nisso?

Lauro: Pois é, até então não tinha pensado que dava para morrer por outros motivos que não só pela HIV.
Vou fazer só um comentário para a gente fechar esse papo. Ao contrário de quando o Homero descobriu o HIV, durante um período eu pensava “vou morrer amanhã”, mas depois disso a minha vida começou a ter curto, médio e longo prazo mesmo se não ficasse vivo para isso, entendeu? Eu comecei a projetar coisas. Existe uma coisa da juventude, principalmente do homem gay naquela época, como se o mundo acabasse amanhã. Isso mudou em quatro anos radicalmente, tudo que eu tinha pra ficar velho eu fiquei nessa época.

Marcela: Olha só, como ficar velho dentro dessa perspectiva de finitude parece que não tem a ver com idade e sim com entrar em contato com a morte. Como parece que isso traz outras perspectivas para olhar e lidar com como a velhice pode ser hoje, em outro cenário. Te agradeço muito pela entrevista, por tudo que você disse e saiba que vou ficar ouvindo e pensando em tudo que você falou aqui.

Lauro: Que linda, espero que sirva para alguma coisa.

Marcela: Tenho certeza que servirá!

Lauro: Esses são assuntos que as pessoas precisam começar a estudar, só teremos um processo de envelhecimento diferente quando as pessoas começarem a mudar o seu processo de juventude. Então, eu que te agradeço, viu?

Nos despedimos e a entrevista encerrou.

Em *Morte e desenvolvimento humano* (Kóvacs, 1992) a autora traz que experienciar a morte do outro é também experienciar uma morte em vida. “É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos” (Kóvacs, 1992, p. 149).

A perda de um companheiro amoroso, namorado ou marido traz a perda de um lugar que se ocupava para essa pessoa perdida, traz a perda de uma imagem prévia

que se tinha dessa pessoa antes do prelúdio do adoecimento modificar a imagem e até mesmo a própria relação em si.

Quando pergunto quem é a pessoa que Lauro perdeu e por quanto tempo se relacionam, ele responde que se relacionam por dois anos, que Homero morreu em 1988, e em outro momento ele relembra que a morte ocorreu em 1987. Quando Lauro diz “Tem coisas que eu começo a lembrar agora”, ele traz as narrativas de uma vinculação com a vida, produz novos sentidos para a memória que pode ser dita a partir de como Lauro se sentia no momento da entrevista. O processo da perspectiva de tempo (Spink, 2010) não é linear e aparece constantemente na entrevista.

O entrevistado relata que teve que se deparar com a imagem de Homero, seu amado, se modificando no avanço de seu adoecimento em decorrência da AIDS, a fragilização física e emocional de alguém que Lauro descreveu como “grande, forte e bonito”.

A notícia do adoecimento veio como “um acidente de avião, caiu e parece que todo mundo morreu”, nas palavras de Lauro. O mundo dele desmoronou depois de uma notícia catastrófica que deixou escombros, ou seja, existia um mundo presumido (Parkes, 2009) que se quebra e demanda por reconstruções.

Os escombros diziam de uma perda anunciada de seu amado, através da percepção do avanço do adoecimento por um vírus que mal podia ser nomeado na época, que também pré-anunciava a morte de Lauro.

O desmoronamento tem relação com a notícia do adoecimento de uma pessoa amada, mas também fala de olhar de frente para um diagnóstico de HIV/AIDS até então letal.

Em 1980 o estigma acerca do HIV/AIDS (Vírus da Imunodeficiência Humana) era devastador, a nível mundial, além de ser um período em que o tratamento ainda não estava disponível no Brasil e estava na fase de teste nos Estados Unidos.

O Brasil vivenciava nessa época um terror de desinformação e preconceito acerca do HIV/AIDS, e isso fica evidenciado com a foto do Cazuza estampando a capa de uma edição da revista *Veja*, seguida do subtítulo “Uma vítima de AIDS agoniza em praça pública”. Esse era o tempo longo (Spink, 2010) presente nas falas de Lauro, os sentidos atrelados ao adoecimento de Homero e o medo do próprio adoecer.

Dado esse cenário do país na época de 1980/1990, o luto pela perda de uma pessoa amada poderia ser associado ao medo de ser julgado duplamente pela sociedade, por ser homossexual e pelo HIV/AIDS. Em decorrência do medo, é

possível que os lutos e as perdas sejam mantidos dentro de um “armário”, como uma forma de proteção, mas que tem como consequência o isolamento e a impossibilidade de reconhecimento e validação externa desse luto.

Nesse período, não existia um reconhecimento e nem acolhimento social às perdas das vítimas da AIDS. O preconceito ditava o silenciamento por medo do julgamento. Muitos não tiveram o direito de vivenciar os ritos fúnebres de suas pessoas amadas e não puderam verbalizar as memórias com a pessoa perdida. Segue um trecho de Rodrigues (2020) sobre o cenário dos Estados Unidos em 1980:

> Intelectuais, artistas, músicos, escritores e filósofos foram privados do direito de receber honras fúnebres por terem sido vítimas do que então se chamava “peste gay”. A violência da denominação combinava “peste”, essa doença para a qual não se tem cura ou alívio, com o horror à homossexualidade, ainda presente de forma tão marcante na cultura. A combinação produziu discriminação em vida e tornou proscritos os mortos. Atestados escondiam a causa do óbito, muitas vezes as famílias eram impedidas de realizar funerais, e amigos e amigas perdiam a chance da última despedida e homenagem. (Rodrigues, 2020, p. 59-60)

Lauro conta que foi depois da morte do marido que passou a avaliar as possibilidades de vida que poderia ter, e como é que seria. Foi a partir disso que decidiu sair do trabalho, vender tudo que tinha e viajar para os Estados Unidos, com a finalidade de encontrar estudos mais avançados do tratamento para HIV. Nesse ponto da entrevista entende-se que essa reorganização é sobre o Tempo Vivido (Spink, 2010), o tempo que ele viu novos sentidos no contexto histórico e social que estava vivenciando a partir de novas socializações.

Ainda nos Estados Unidos conheceu lugares, pessoas, esteve em contato com pesquisas e decidiu por manter as profilaxias indicadas pelos médicos. Devido ao receio dos efeitos colaterais, não iniciou o tratamento com o antirretroviral AZT (Azidotimidina).

Dez anos depois, com a chegada do “coquetel antiaids” ao Brasil pelo Sistema Único de Saúde (SUS), Lauro sentiu-se mais seguro para iniciar o tratamento com a medicação.

Ao escutar a trajetória de Lauro, da vivência do luto da perda do marido junto ao luto antecipatório de si devido ao diagnóstico de HIV/AIDS, fica indissociável ambos os processos de enlutamento.

O luto antecipatório (Lindemann, 1944, *apud* Santos; Yamamoto; Custódio, 2017) surge no contexto da Segunda Guerra Mundial, em que as esposas

experienciaram o luto anterior à morte de seus parceiros soldados, aparecendo sentimentos comuns à perda no momento em que havia a separação física. O luto antecipatório pode aparecer quando existe a iminência da morte, e também possibilita a construção de significado para a perda do outro, da relação e até mesmo sobre a morte de si, antes que ela ocorra concretamente (Franco, 2008).

Uma das falas de Lauro em que o luto antecipatório de si é percebido:

> A finitude sempre esteve comigo, eu já era velho com 30 anos, eu já poderia ter morrido com 28. Então, a finitude não chegou para mim. Tem gente que pensa que a velhice é só estar mais perto da morte, eu sempre estive e todo mundo sempre está mais perto da morte. (Lauro)

Durante o processo de luto vivenciado por Lauro, é notável a importância de nomear a perda de Homero para os amigos e para a família, inclusive o quanto foi significativa a presença da irmã no velório e a visita que ela fez ao apartamento de Lauro no dia em que Homero morreu.

Lauro relata uma cena no trabalho em que seu luto não foi reconhecido e ele não podia falar sobre sua perda naquele ambiente. Ele trabalhava com um chefe homofóbico e com pessoas que ele não se sentia confortável. “Não conseguia conviver naquele ambiente tão complexo e eu viúvo, né? Sem ninguém saber”. Ele conta que pediu demissão depois de 25 dias, e foi no momento da demissão que nomeou para o chefe sua viuvez, além de dizer ao superior que não se sentia bem ali, pois era o pior lugar para ele estar naquela ocasião.

Nessa conjuntura, é possível perceber como impacta a ausência de reconhecimento sobre o luto, como a homofobia fica evidente nessa condição da perda de Lauro. Quantos gays e lésbicas não têm seu afastamento por falecimento garantido por não terem seus relacionamentos amorosos reconhecidos no ambiente de trabalho?

Houve perdas simbólicas relacionadas ao trabalho, à carreira, à demissão, à mudança de país, e ao mesmo tempo, ganhos ao ressignificar suas perdas em busca de uma potência de existência:

> E eu tinha um emprego, um trabalho muito bom no banco. Eu era analista de sistemas. Tinha uma vida muito privilegiada.
> Eu sempre dizia o seguinte, que eu era um cara que tinha o trabalho que eu queria, que tinha os namorados que eu queria, tinha tudo, o meu time sempre ganhava. E ali eu sofri uma derrota daquelas que você tem que fechar o time, porque não tem mais como recuperar, né? (Lauro)

Esse processo de analisar as perdas e os ganhos, de se movimentar para uma recuperação, mesmo não acreditando que ela será possível, é chamado de Modelo Dual do Luto (Stroebe; Schut, 1999). Nesse modelo existem três elementos: direção para o luto da perda, direção para se reorganizar frente a perda e a oscilação. Lauro traz uma série de perdas e restaurações, esse movimento pode ser percebido em falas como:

> A possibilidade da morte começou a permear o meu dia a dia. Não que eu tivesse ficado mais frio, porque tinha uma dor muito grande, mas ao mesmo tempo tinha o entendimento mais pacífico sobre aquela possibilidade. Como se chegasse uma aceitação daquele processo. (Lauro)

Mesmo que tenha sido viável se reorganizar e fazer o possível para enxergar vida em um período abstruso, as marcas desses lutos permanecem em Lauro e o acompanham no seu desenvolvimento de vida. O vínculo continuado (Worden, 2013) possibilita que ele continue levando consigo a importância de Homero e os novos sentidos que o amado ganha em sua vida ao longo do tempo.

A partir do momento em que ele se vê em condições para se relacionar amorosamente, se depara com o preconceito e com a rejeição de um parceiro. Lauro conta duas histórias, de reações distintas de duas pessoas por quem ele estava interessado.

Sobre Alexandre (1º), Lauro diz que ele queria ter relações sexuais e estava preocupado em como seria a reação dele ao conversarem sobre o HIV. Lauro o convidou para um jantar, contou de sua perda, e o rapaz logo perguntou do que ele morreu. Quando Lauro respondeu que foi pela AIDS, o rapaz apenas se levantou da mesa foi embora sem dizer uma palavra.

Já com Adônis*, Lauro não tinha expectativas de que ele fosse permanecer quando contou sobre ser soropositivo. A resposta foi completamente diferente, ele quis permanecer, não foi um empecilho para a relação continuar.

Em seguida, Lauro conta da perda de mais dois namorados depois de Homero. Um deles também foi pela AIDS, e o outro “morreu do coração” (infarto). Sobre esse segundo namorado, ele brinca dizendo que não sabia que poderia perder alguém por outro motivo que não fosse a AIDS. O medo de morrer e o medo de perder parceiros amorosos e amigos por AIDS é algo que marcou gerações de homens gays, e isso diz de uma história dessa população.

Lauro diz em determinado ponto da entrevista:

> Não seria o mesmo homem se não tivesse passado por tudo que passei. Em contrapartida, eu sou uma pessoa que eu não tenho saudade das coisas, sabe? Eu não fico pensando como determinado lugar era bom. Eu não tenho essa relação com as coisas e com o tempo. (Lauro)

É possível perceber que para ele a “saudade” não está no campo dos sentidos positivos, que o passado foi um lugar difícil. Ele diz em seguida que a saudade para ele é relacionada à melancolia do que foi e não é mais. Lauro não tem um “saudosismo” com o passado, pois o saudosismo enaltece o passado e desqualifica o presente. Lauro traz consigo a memória, e a memória não é estática.

Lauro parece se apropriar de suas perdas e, na elaboração de seus lutos, constrói uma narrativa sobre elas, em que diferentes temporalidades se interconectam. O luto enquanto processualidade não tem data para terminar, é contínuo e metamorfósico.

Lauro nomeia na entrevista que Homero foi seu marido, por perceber a configuração e a importância que essa relação teve. Não havia documento em cartório, ou título de casamento na época. Nas falas de Lauro: “Eu nunca fui casado no papel. Quero dizer que fui casado de morar junto, de ficar junto muito tempo e ser feliz, viu?”.

Isso retoma alguns questionamentos feitos anteriormente sobre a conjugalidade homossexual. Muitos casais gays e lésbicos não se casaram no papel, e até não nomeiam seus relacionamentos de “casamento”, mesmo morando juntos há anos e construindo uma vida juntos. O casamento e a viuvez, enquanto títulos, eram restritos a vivências heterossexuais. As conjugalidades homossexuais não se viam autorizadas a utilizar esses títulos, e talvez nem se reconhecessem neles, justamente por ser algo negado.

Lauro traz uma fala sobre não ver a homossexualidade como um erro ou como um problema, isso ecoa também no seu enlutamento. Seu luto não foi atravessado pela culpa.

Lauro é um homem idoso cis homossexual branco, que tinha condições financeiras e um dinheiro reserva na época em que estava lidando com seus lutos. São pontos importantes para olhar para esses atravessamentos, e questionar se o cenário seria diferente em relacionamentos em que o luto pela perda por viuvez fosse atravessado pela dificuldade financeira, por dificuldades burocráticas e enfrentamento

com a família — com não-reconhecimento do luto pelos familiares de quem morreu.

Vivenciamos na entrevista o tempo curto (Spink, 2010), o tempo das interações que geram produções de sentido a cada pergunta, a cada intervenção e a cada resposta. Lauro vivencia seu luto por viuvez como um elemento histórico dele e de outras pessoas. Pelo contexto dessa fala dentro da entrevista, percebe-se que ele está se referindo a outros homens gays quando menciona “pessoas”.

A experiência do luto de Lauro diz de contexto social, político, de uma época em que homens gays lidavam com a “morte prenunciada” diariamente. A velhice para Lauro é uma conquista, e ele fez dessa conquista também sua militância de deixar um legado para a juventude.

Lauro vivencia o luto de Homero e, a partir dessa história, se dispõe a pagar “o preço do amor”. Essa “cruel forma de aprendizado”, como diz Chimamanda (2021, p. 9), é o que possibilita Lauro de viver a vida sob a perspectiva da finitude enquanto potência de vida. Como diz Parkes:

> A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é, talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso. Ignorar este fato ou fingir que não é bem assim é cegar-se emocionalmente, de maneira a ficar despreparado para as perdas que irão inevitavelmente ocorrer em nossa vida, e também para ajudar os outros a enfrentar suas próprias perdas (Parkes, 1998, p. 22-23).

Sobre seu envelhecimento, Lauro diz:

> Eu gostei de envelhecer, eu gostei de ficar velho, eu gostei de chegar até aqui. Então, para algumas pessoas isso poderia parecer que a velhice é uma perda. Eu não, eu chego na velhice com o conceito de conquista. Para quem achou que fosse morrer há 35 anos atrás, eu estou aqui, né?
> Aí percebo que eu construí uma vida, que eu tive um filho que eu sempre quis ter. Aí eu percebo que esse processo colaborou de alguma forma para que alguns desejos muito íntimos e muito profundos eles fossem se realizando. (Lauro)

Antes de encerrarmos a entrevista, Lauro disse que espera que as falas dele “sirvam para alguma coisa”. Ele acha que só será possível ter envelhecimentos diferentes quando a juventude começar a mudar. Para isso acontecer, é preciso que a juventude possa acessar essas histórias, conhecer a trajetória de quem veio antes e lutou pelos direitos existentes hoje. Isso tudo não pode ser esquecido ou invisibilizado.

3.2 Deusa e Raio de Sol

> Oh, pedaço de mim
> Oh, metade amputada de mim
> Leva o que há de ti
> Que a saudade dói latejada
> É assim como uma fisgada
> No membro que já perdi.
> (Chico Buarque)

Para contar sobre o encontro com a entrevistada, penso ser importante iniciar dizendo que Deusa foi o pseudônimo escolhido pela entrevistada em referência ao *nickname* que utilizava quando conheceu sua amada, Raio de Sol, em uma sala de bate-papo virtual.

Conheci Deusa durante as *lives* de luto da ONG, nas quais ela era frequentadora assídua, tanto dessa e quanto de outras que aconteciam durante a pandemia. Logo que iniciei o grupo específico para “Luto por Viuvez”, ela prontamente aceitou o convite para compô-lo.

Deusa é uma mulher cis, negra, lésbica, idosa, de 70 anos. Todas as vezes que conversamos, sempre iniciava e me cumprimentava com um sorriso no rosto, por mais difícil que os assuntos trabalhados nos grupos pudessem ser.

Marcamos a entrevista para o dia 11 de outubro de 2022, que ocorreu por videochamada pela plataforma *Google Meet.* Deusa abriu a câmera e logo pude ver seu sorriso largo, demonstrando felicidade e saudade ao me rever. Também a correspondi, estava com saudade dos encontros que vivenciamos no grupo de “Luto por Viuvez”.

Eu estava de brincos, vestido de mangas longas verde-musgo, batom vermelho e, novamente, com o cabelo preso em coque. Ela estava de brincos, regata preta, óculos de grau e batom nude rosado.

Já conhecia alguns detalhes da vida que Deusa teve junto a sua amada, Raio de Sol. Eu conhecia suas descrições físicas, traços de personalidade e acontecimentos marcantes. Apesar dessas imagens parecerem conhecidas, ao fazer as perguntas na entrevista foi como se estivesse ouvindo pela primeira vez a história delas, pois os detalhes estavam mais presentes e vívidos, tinham sons e cores.

Segue abaixo o registro com a entrevistada:

ENTREVISTA 2

Marcela: Olá, Deusa. Vou colocar para gravar para registrar nossa entrevista e já começo com as perguntas, ok? A primeira pergunta é: qual é a sua idade?

Deusa: Eu tenho 70.

Marcela: Qual é a sua cor/raça?

Deusa: Eu coloco como preta.

Marcela: Com qual gênero você se identifica? E qual sua orientação sexual?

Deusa: Lésbica, gênero feminino.

Marcela: Como é para você hoje falar da sua orientação sexual?

Deusa: Maravilhosamente bem, não tenho problema.

Marcela: Conte-me sobre a relação que você teve. Quem é a pessoa que você perdeu? Como ela era?

Deusa: Ela se chamava Raio de Sol, foi uma pessoa que entrou em minha vida, assim, inteira. Eu entreguei a ela a minha vida inteira e ela me entregou também. Tanto que ela me falou que eu era mulher da vida dela, e eu fui mesmo porque eu fui a última, né? E a gente viveu intensamente.
Ah, lógico que tínhamos os nossos momentos, afinal nem todo dia é azul e nem todo dia é rosa. A gente tinha o nosso companheirismo, tínhamos ideias que batiam uma com a outra. Eu adorava ouvir ela falar porque ela era professora de História e eu admirava ela falar. Ela entrava profundamente nos assuntos porque ela fazia muita pesquisa e lia muito.
Ela era uma mulher alta, forte e ruiva, sabe? Uma mulher que ao mesmo tempo dava para achar que ela era brava, mas quando ela abria a boca para falar ela era dócil, com um coração maravilhoso.

Marcela: E como vocês se conheceram?

Deusa: Nós nos conhecemos através da internet, do chat UOL, que tinha uma sala para lésbicas. Eu me lembro que era uma sexta-feira, dia 7 de abril de 2001. E eu estava lá, não estava à procura de namorada e nem nada, mas eu gostava de bater um papo. Ela estava com um *nick* "Raio de Sol" e eu entrei com um chamado "Deusa", e eu que chamei ela! Achei bonito ela colocar "Raio de Sol", é forte, né? E aí eu perguntei pra ela se ela queria conversar, ela foi muito sincera e disse "olha, estou conversando com uma amiga, mas daqui a pouco eu converso com você", e eu fiquei ali já que conhecia muita gente, né? Ali que eu fazia tempo que eu entrava, né? E aí ela entrou de novo.

Você acredita que a gente entrava tarde para não pagar, né? (risos) Porque a internet era cara, então a gente entrava a partir das 22 horas.

Você entrava e era uma maravilha, eu me recordo disso. E aí eu sei que já era quase umas 23 horas e a gente foi até quase 2 horas da manhã conversando. Depois trocamos telefones e ela morava em uma cidade do interior.

E eu "ah, tudo bem então", mas eu achei que não ia dar em nada.

Pois no outro dia, às 7 horas da manhã, liga alguém no meu telefone. Quando atendi era a voz dela, uma voz tão bonita, e ela disse "Oi, aqui é a Raio de Sol" e eu ainda sonolenta porque tinha ido dormir tarde. E aí nós conversamos um pouquinho só porque ela ia para uma reunião da APEOESP[7], porque ela fazia parte da Diretoria, mas ela falou "Estava precisando ouvir sua voz, tá? Quando eu voltar eu vou falar com você". Eu sei que a partir dali nós nunca mais largamos.

No dia 13 de Abril eu fui lá para a cidade dela.

Foi um amor tão grande, mas tão grande, de bater o coração assim, aquela coisa gostosa… Eu tô falando e tô vendo aqui agora, a hora que eu desci do ônibus e ela estava ali… Ai tão linda!

E aí eu desci, e ela me buscou de carro… Foi no dia 13 de Abril de 2001

Marcela: Quanto tempo vocês ficaram juntas?

[7] Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

Deusa: Nós ficamos juntas 13 anos. Ela faleceu em 2014.

Marcela: Como que foi esse momento da perda?

Deusa: Esse momento da perda eu sinto até hoje, mas mais leve, né? Foi muito triste. Vou fazer uma comparação, porque eu já perdi minha mãe e meu pai e foi triste, mas igual a perda dela não. A perda dela foi como se tivessem arrancado quase tudo de mim, minha roupa, meu coração, meu espírito, tudo, tudo, tudo… Fiquei sem chão, sem nada. Uma é porque foi tão de repente, ela não estava doente, e depois ainda eu ter que ser responsável por tudo. Eu com aquele sofrimento tendo que assinar os documentos. Foi muito sacrificante para mim.
Eu não acreditava. Sabe você não acreditar? Era como se eu estivesse quase um zumbi. Você só fazia, ia aqui e ia ali. Ainda bem que eu tenho muitos amigos, muitas pessoas queridas, eles que me levavam para cá e para lá. Se eu não tivesse eles na minha vida, eu acho que eu estava dura parada no canto, né? Eu agradeço muito a minha filha, Amor Incondicional. Ela sempre falava que a Raio de Sol era a segunda mãe dela, né? Isso eu achava muito lindo, e ela sofreu muito, mas ela foi em frente também porque ela sabia que eu estava sofrendo demais e ela não largou nem um minuto de mim. Minha filha não largou nem um minuto de mim e nem da Raio de Sol, foi junto na ambulância até.

Marcela: Você falou que foi de repente. Você quer contar um pouco de como foi?

Deusa: Nós trabalhávamos na mesma escola. Eu era vice-diretora e ela era a coordenadora. Nesse dia eu não fui trabalhar, acho que algo fez eu não ir trabalhar. Eu estava em casa fazendo os afazeres, e aproveitei que já que eu estava em casa, para chamar um rapaz para arrumar o nosso chuveiro. Inclusive às 10 horas, eu liguei pra ela e falei sobre isso, aí ela disse assim “Ai que bom, mais tarde nós conversamos”. Ela ia sair às 16 horas da escola para pegar os nossos dois cachorros para tosar e dar banho, e aí ela falou “olha, quando for 16 horas eu te ligo e você desce com eles que eu pego”, porque a escola era muito próxima ao nosso prédio, né?
Tudo bem, ela estava ótima. E aí quando foi por volta de 13h20, uma e meia da tarde, por aí, meu telefone toca e era uma professora dizendo que a Raio de Sol tinha

desmaiado. Pensei que ela só tinha tido uma tontura e desmaiado, que ela estava bem. Imagina que eu estava com uma roupa de ficar em casa fazendo limpeza. Eu não quis nem me arrumar, fui embora e, como eu disse, a escola era próxima.

Saí do jeito que eu estava, só fechei a porta e fui. Quando cheguei lá, não me deixaram entrar para vê-la. Ela estava caída, com a porta fechada e tinha gente que já tinha chamado a ambulância.

Eu achei que era só um desmaio, pensei que não precisava de ambulância e disseram que precisava sim porque ela ainda estava voltando [do desmaio]. Me puseram na minha sala, que ficava perto, mas não dava para ver onde ela estava e ficaram me segurando lá.

Disseram que precisava de alguém para acompanhá-la na ambulância, aí eu falei “Ah, minha filha, Amor Incondicional, pode acompanhar” porque ela morava na mesma rua da escola. Liguei para ela, falei o que era e em um minuto ela já estava lá pronta, e eu também queria ver como a Raio de Sol estava.

Naquele dia estava tendo aula, então, tudo tinha que ser muito rápido para tirar ela de lá, né? E aí, com a ambulância e os paramédicos vieram e levaram ela de lá. Tudo isso em meia hora. Eu disse que queria vê-la e não deixaram, disseram que teria que ser tudo rápido, mas acho que eles já sabiam que ela estava de óbito, ou ela estava quase indo ou já está tinha ido.

Minha filha me contou que quando ainda estavam fazendo a ficha da Raio de Sol, apareceu um médico perguntando quem era o responsável e já disse a minha filha que a Raio de Sol tinha entrado em óbito. A reação da Amor Incondicional foi “Olha, eu não vou ligar para a minha mãe”.

A diretora da escola foi atrás da ambulância com o carro dela, todos da escola gostavam muito da Raio de Sol. E aí eu voltei para casa para tomar banho e depois uma professora foi comigo. Essa professora é um pouco vidente, depois ela disse que já sabia mas não tinha me falado nada, mas disse que tinha visto meus cachorrinhos muito tristes.

Aí eu falei que “eu vou tomar um banho, né?”, porque não tinha tomado banho de manhã já que estava com a intenção de dar uma ajeitada na casa. Na hora que eu estava terminando de me enxugar, eu encontrei a Amor Incondicional e a primeira coisa que eu fiz foi perguntar “A Raio de Sol já chegou?”. Aí ela respondeu que não, que ela tinha entrado em óbito.

Respondi que ela estava mentindo para mim, que ela estava brincando. Disse “Aposto

que a Raio de Sol está aí atrás". Vi que ela fez tudo para não chorar.
Aí sim que eu desabei, porque eu vi que não era brincadeira. Eu me acabei assim… E aí ela falou assim: "Mãe, tem um pessoal que pediu para perguntar se poderia doar as córneas".
Ela estava falando, mas eu nem estava ouvindo direito. Aí ela repetiu, e disse que tinha que responder rápido, né? Eu respondi que nunca tinha conversado com a Raio de Sol sobre isso, e fiquei quieta. Depois eu pensei e falei que a Raio de Sol tinha um coração tão bom que ela ia gostar que doassem. A Amor Incondicional disse que era eu quem tinha que ir, porque eu tinha união estável com ela e teria que assinar alguns papéis e ir a uma delegacia para fazer um boletim de ocorrência de doação e depois vai ter um número para colocar na ficha da Raio de Sol Pedi para que a minha filha ficasse com meu celular e me ajudasse porque eu não conseguiria entender sozinha.

Marcela: Você participou de todos os processos de decisões? De como seria isso da doação de órgãos, da burocracia financeira e afins?

Deusa: Sim, eu tinha que assinar porque eu era a responsável, né? Porque a mãe dela morava na cidade em que a Raio de Sol nasceu e não era sã da cabeça. Eu fui a responsável porque tínhamos união estável, e a Amor Incondicional não era filha dela, então eu tive que ir para delegacia assinar os documentos necessários. Tive que ir ao IML[8] também para começar a ver esses outros documentos. Aí fui. Às 5h da manhã tive que ir de novo lá. E aí nesse daí, eu não sabia que quem doa algum ou alguns órgãos não paga caixão, não sabia e nem lembrava que tinha que pagar alguma coisa.
Aí me disseram que eu estava isenta. E se me falassem que eu teria que pagar eu nem sei como faria porque não lembro se estava com algum dinheiro, nem estava pensando direito na hora. Estava só com documentos meus e dela na bolsa. Estava com o meu RG, e a Amor Incondicional pegou os documentos na bolsa da Raio de Sol e me deu.
Aí aconteceu uma coisa chatíssima. Depois das 5h da manhã, eu fiquei ali no IML, na parte de fora e eles não liberaram o corpo, sendo que o sepultamento dela estava

[8] Instituto Médico Legal.

marcado às 14h30. Ela faleceu no dia 17 e o sepultamento seria no dia 18 às 14h30. Até meio-dia o corpo ainda não estava liberado e estávamos desesperados.
Na frente do cemitério, estava um tanto de aluno, diretor, os dirigentes e supervisores da escola. A Raio de Sol era muito querida com esse jeito dela, porque ela era muito inteligente e sempre estava ajudando a todos. Todo mundo quis ir lá para despedir dela.
Aí quando… Continuamos pressionando lá para liberarem o corpo dela. Vou falar uma coisa para você: eu tinha parado de fumar, aí naquele momento que eu estava lá na delegacia preenchendo o documento, pedi um cigarro para um rapaz. Fumei e pedi outro cigarro. Logo em seguida pedi a um amigo que fosse comprar cigarro para mim. Essa noite toda eu fumei mais de cinco maços de cigarro. Eu não sentei um segundo desde às 5h da manhã. Eu andava de lá para cá, de um canto para o outro chorando. Meus amigos e minha filha só ficavam de longe me olhando para ver como eu estava. Acabava um cigarro e eu acendia um direto do outro. Até pedi para minha filha me ajudar a pegar os cigarros que tinha jogado no chão. Foi aí que eu percebi quantos cigarros tinha fumado.
Bom, voltando aqui, quando chegamos ao cemitério era mais de uma hora da tarde, lá ela não ficou muito tempo sendo velada.
Olha, minha linda… O que tinha… Eu só me recordo um pouco porque foram falando para mim.

Marcela: A cena do velório é difícil de lembrar?

Deusa: É um pouco, porque eu estava muito arrasada. Eu me lembro que a Amor Incondicional que veio dentro do carro trazendo o corpo. Ela que me falou, um tempo depois, que um moço levou a Raio de Sol para uma sala, porque em decorrência do AVC[9] o rosto dela entortou e a Amor Incondicional estava preocupada com todos que foram ao velório para vê-la. Até hoje não sei o quanto a Amor Incondicional pagou para ele. Ele ajeitou o rosto da Raio de Sol, teve que quebrar para ajustá-la, passou um pouco de rouge,[10] mas tudo bem suave porque minha filha avisou que ela não era

[9] Acidente Vascular Cerebral.
[10] Maquiagem de tonalidade entre o rosa e o vermelho, que se espalha nas maçãs do rosto. O que atualmente é conhecido como blush.

de se pintar e nem nada.
Na época ela não falou com ninguém sobre isso, só depois de alguns dias que ela me contou e eu agradeci muito.
Então, assim, até pessoas que hoje falam que estiveram lá, eu não me lembro. Eu sei que muita gente me abraçou, mas eu não me lembro.

Marcela: A Raio de Sol era assumida? As pessoas da escola sabiam que vocês eram casadas?

Deusa: Os alunos não sabiam, mas os professores e a diretora sabiam. Nós éramos muito discretas. Em nenhum momento quando a diretora me indicou para o cargo de vice ela se preocupou que eu fosse companheira da Raio de Sol Os alunos devem ter desconfiado porque sabiam que morávamos no mesmo apartamento. Mas a Raio de Sol nunca deu muita liberdade, afinal ela era a coordenadora. Até porque esses alunos eram do Ensino Médio, então ela mostrava as rédeas e era firme. Ela era firme, mas todos gostavam muito dela, porque ela conversava com eles, gostava muito de aconselhar, de mostrar a importância do estudo, saber o que eles queriam ser no futuro, de como batalhar para isso, então eu via ela sempre conversar com eles. Muitos agradeceram ela pelo *facebook*.

Marcela: Parece que esse carinho esteve presente no velório dela, então.

Deusa: Eu não me recordo da presença dos alunos. Mas a Amor Incondicional me disse que ficou admirada com a presença de todos os alunos. A escola ficou fechada no dia 18 e não teve aula.
Eu tive oito dias de licença, que eu pude ter devido a união estável. Aí essa volta também foi complicada. Eu falei “não, não vai dar”. E eu tinha que passar pelo estacionamento, que a gente sempre passa pelo estacionamento porque como eu entro de manhã, a secretaria é fechada, e o carro dela estava ali porque ela foi com o carro naquele dia e ele ficou ali desde então.
No dia que acabou a minha licença eu tinha falado que não queria, mas aí os professores disseram “não, você tem que voltar, vamos te ajudar a superar”, principalmente porque eles não gostavam muito da diretora, já tinham perdido a Raio de Sol e eu era o equilíbrio aí para eles. Eles me pediram por favor e eu disse que iria

tentar para ver até onde eu aguentaria, disse que faria essa experiência.
Olha, naquele dia, eu ajoelhei no chão e chorei tanto! Quando eu entrei e vi o carro dela eu caí e chorei, chorei… Quando os professores me viram, eles desceram e me abraçaram, eu falei “vocês podiam ter tampado esse carro”, eles responderam que nem tinham lembrado disso.

Marcela: O que você acha que foi se deparar com o carro da Raio de Sol quando você entrou na escola? O que te trouxe?-

Deusa: A lembrança dela, mais ainda porque eu sabia que aquele carro não seria mais lembrado por ela.

Marcela: Você acha que foi um objeto que trouxe um dado concreto da perda dela ali naquele momento?

Deusa: Sim, também. Porque foi naquele local que ela faleceu, o carro ficou ali, tudo trazia uma lembrança dela. E aí eu entrei, e graças a Deus a sala dela era lá, então eu entrei aqui, nem para ir ao banheiro eu passava em frente a porta da sala dela. Eu fiquei mais de uma semana sem passar em frente a porta da sala. Eu entrava na minha sala, ia ao banheiro, e se queria alguma coisa eu ligava na secretaria e eles levavam até lá.

Marcela: E era assim também com os objetos dela na casa de vocês? Era difícil estar em contato?

Deusa: Sim, porque dormíamos na mesma cama, você imagina o que é uma cama vazia. Nós jantávamos juntas na mesa. Parei até de comer na mesa e comecei a comer sentada no sofá. Aí tudo foi assim durante um bom tempo, tanto que uma coisa que eu fiz logo foi tirar todas as roupas dela e colocar para doar. Não queria as roupas dela, já logo liguei para doação. Eu doei livros, doei tudo. Sabe quando você diz assim “eu não vou ficar olhando o que eu vou guardar e o que eu vou doar”. Pra não dizer que não guardei nada, tem uma coisa que eu decidi ficar, só que eu não lembro o que era.

Marcela: E o que foi diferente com essa única coisa? O que te fez querer guardar?

Deusa: Isso. Não era como se eu fosse me esquecer dela, isso não teria como, jamais, porque está dentro do meu coração. Mas era uma coisa como eu guardei uma coisa da minha mãe e do meu pai também. O que eu guardei da Raio de Sol eu nem lembro, nem pego, o que eu guardo da Raio de Sol está no meu coração.

Marcela: Como foi se desfazer dos objetos? Como você acha que foi também falar sobre a perda da Raio de Sol com os amigos e familiares na época?

Deusa: Olha, eu vivi isso durante muito tempo. Porque quando ela faleceu tinha acabado de terminar a Copa do Brasil. O Brasil tinha perdido aqueles gols horríveis, né? Nós estávamos tristes porque nós nunca tínhamos nos enfeitado, e nessa copa compramos camiseta, chapéu, tiramos foto. Até pro cachorrinho nós compramos! Acabou, nunca esqueço que a copa acabou no dia 13 ou no dia 14, aí na segunda-feira voltamos a trabalhar. Aí você vê, no dia 17 ela faleceu. Então, aí depois nós ficamos tristes, porque o Brasil perdeu de 7 a 1. Nossa senhora, que vergonha, né? Todo mundo chateado. E no domingo, nós tínhamos ido a uma festa, mesmo a gente nem achando graça mais e nem queríamos ver o término da copa mais. Estávamos na casa do meu tio, que ele faz aniversário dia 7 de Julho. E aí como o aniversário dele ia cair no dia de semana, ele fez uma 'churrascadinha' no domingo. Estávamos muito felizes de estarmos lá, e na segunda-feira íamos trabalhar. Para eles foram um choque, porque todos os meus tios gostavam dela.
Nunca precisamos falar que éramos companheiras, mas todos respeitavam e gostavam dela. Porque ela conversava e brincava com todo mundo, tanto que todos foram ao velório. Isso eu me recordo e acho lindo eles não terem me abandonado.

Marcela: Você recebeu suporte deles?

Deusa: Sim, isso eu tive. Como eu falei, nunca precisei falar "eu sou lésbica, ela é minha companheira", mas sempre receberam ela bem.

Marcela: E a família da Raio de Sol? Como era?

Deusa: Também, a família dela sabia e sempre me tratou muito bem. Só a mãe dela que nem me reconhecia, ela era ‘esclerosada’. Os irmãos sabiam e sempre me trataram muito bem, e os amigos dela se tornaram meus amigos e são até hoje, me tratam maravilhosamente bem.

Marcela: Você podia nomear para os seus amigos e para as pessoas mais próximas que você havia perdido a sua companheira?

Deusa: Olha, como foi tudo de repente foi difícil. Eu nem falei, no *facebook* foram os alunos que se manifestaram, eu não falei nada porque eu não tinha nem cabeça para rede social. E até mesmo os meus amigos ficaram sabendo pela minha filha, e ela que avisou a família na cidade da Raio de Sol Foi assim que eles souberam e fizeram uma van de lá para o velório. Onde eu dava aula antes, só tinha três professores que sabiam de mim e respeitavam e gostavam da Raio de Sol. Quando eles souberam do falecimento dela, esses professores foram ao velório e ficaram um pouco porque eles tinham que voltar a trabalhar. Mas eu não me recordava de quem ia, depois uma amiga querida contou que foi. Essa amiga tinha perdido o marido recentemente também, há dois anos, e ela sabia do meu sofrimento porque ela também estava passando por um sofrimento semelhante. Então, ela me agarrou e ficou ao meu lado o tempo todo.

Marcela: E como foi para você escutar isso dela?

Deusa: Abracei ela e choramos muito, muito, muito. Sei que até hoje ela não é casada, e ela é muito bonita. Até hoje ela não quer mais ninguém. A gente até brinca dizendo que ela vai ficar uma velha feia e ela responde que não se importa, que é feliz assim.

Marcela: E pra você, hoje, como é falar de tudo isso? Falar dela, da Raio de Sol, dessa perda…

Deusa: Com muita emoção, mas agora eu sinto que com mais leveza. Ainda tem muito amor a ela, eu brinco que quando eu morrer eu quero encontrá-la lá em cima me esperando, e ai dela se ela estiver com outra lá no céu. Então você já sabe, se quando eu morrer tiver trovão e raio é porque eu quebrei o pau lá em cima (risos). Porque se

ela disser que se apaixonou eu vou ficar brava, ela que se separe antes de eu chegar. (risos) Então, eu brinco, mas o amor que ela tem por mim, eu sei que ela ainda tem. Acho que já te contei, mas vou contar de novo para você gravar. Nós pensávamos em casar, e um dia que estávamos falando sobre os convidados era mais de cinquenta, e ela não queria que cada um trouxesse o prato, ela queria ela mesma dar para que os convidados sentissem a nossa felicidade através do que nós daríamos. Então, eu concordava, mas tínhamos que juntar dinheiro. Nós tínhamos união estável, que só foi a minha filha e ela, e quando quisemos casar ainda estava naquele processo de permissão ou não [no Brasil]. Quando ela morreu, passou uns meses, e eu ainda tinha a nossa cama, e eu sonhei com ela. Eu estava de branco, correndo naqueles matos bonitos que não tem aqui no Brasil, que eu vejo em filmes, e ela veio correndo na minha direção de branco também. Aí nos encontramos, demos as mãos e rodamos felizes. Eu via o rosto dela sorrindo e vi o meu sorrindo também. Aí ela me disse que nós casamos e eu disse que ela havia dito que queria casar com convidados, e ela respondeu “quem disse que não tem convidados? olha eles”, e aí nisso eu olhei para trás e, a nossa cama tinha aquela madeira, que no sonho parecia várias caveirinhas. E não era feio! Eu olhei e falei “são os nossos convidados”. Eu não acordei espantada, eu acordei pensando que havia casado com ela. E me senti tão feliz, tão bem, que eu nunca esqueci esse sonho.

Marcela: Que simbólico esse sonho! Você acha que ficou esse registro? Que vocês são casadas?

Deusa: Sim, porque onde ela está eu acredito que ela manteve nossa promessa de casamento. Olha que eu tenho medo de caveira (risos), e no sonho eu não tive medo, eu lembro até hoje. Eu estava feliz, e nunca esqueço isso.

Marcela: Parece muito simbólico esse sonho ter acontecido justamente por ter sido um plano que vocês tinham juntas antes do falecimento dela. E até ia te perguntar sobre isso, como você quer que ela seja nomeada na pesquisa? Como esposa ou companheira?

Deusa: Pode colocar como esposa e viúva. Eu não sabia que eu era viúva, achava que união estável não era um papel tão importante, foi minha filha que disse que eu

era viúva. Ela disse que eu recebia a pensão dela por ser viúva. A partir disso eu passei a preencher nos documentos que eu sou viúva. Aí eu entendi que união estável é importantíssima também, é como se fosse casada, só que é em outro cartório, com outro tipo de juiz, mas não é menos. Não assinei o papel, mas eu sou casada com ela.

Marcela: Sim, não é só um documento que define o que é ser esposa, né?

Deusa: Sim, e hoje o luto permanece e é com mais leveza, com mais carinho, eu não a esqueci. Mas não vejo mais aquele pesado. Lógico, que às vezes eu lembro do aniversário dela, que é 2 de março, e lembro do dia 17 de julho, do dia do falecimento, aí me dá um pouco de tristeza, mas não como era antes. Eu falo “onde você estiver, eu sei que você está em um lugar maravilhoso e me aguardando”. E pronto, o dia melhora e eu não fico pensando. Eu fico com saudade, fico com vontade que ela estivesse ao meu lado, mas ao mesmo tempo eu acredito que o tempo que ela conviveu comigo ela, foi muito feliz. As amigas dela me diziam isso também.

Marcela: Você acha que no seu luto essas lembranças podem permanecer? Podem te acompanhar?

Deusa: Podem, e eu nem quero esquecer. E olha, eu não vou dizer a você que eu quero fechar o meu caminho, né? Não procuro, nem fico atrás, não fico olhando. Porque assim, para mim é tão natural que eu esteja só, e não acho ruim, só acho ruim de estar só quando não estou ocupada de fazer as coisas que eu gosto. Porque olha, a Raio de Sol me aturou muito, eu sou chata (risos), para me aguentar tem que ter um saco. Por que você acha que eu não vou morar com a minha filha? Porque não quero atrapalhar a vida dela, e nem ela a minha, porque eu sei que não é fácil morar com alguém. Eu sou implicante, chata, ciumenta. E agora eu quero a minha liberdade. Interessante, que a Raio de Sol tinha um domínio da situação, ela já falava “o que está acontecendo? você está falando demais, vamos conversar”, então ela fazia de uma forma que todas as outras pessoas não fazem, ela dizia que eu estava passando dos limites e isso me ajudou muito.

Marcela: Se surgir uma pessoa hoje, você acha que você precisaria abrir mão da

presença da Raio de Sol na sua vida hoje?

Deusa: Aí eu não sei… É meio complicado, porque como eu não me vejo… ó, eu tive até um começo de relacionamento com uma pessoa, mas não deu certo. Não que eu pus a Raio de Sol no meio, mas não tinha amor, era mais um coleguismo. Não tinha amor, tesão, por que eu iria continuar numa coisa que não iria dar fruto? Então, foi uma experiência boa, mas em nenhum momento eu comparava ela com a Raio de Sol, eu separava quem era cada uma. Mas com o tempo, morando com ela durante a pandemia, eu vi que não tinha nada a ver comigo. Logo no começo falei para ela que era para sermos amigas, e mesmo ela querendo continuar, ela aceitou e continuamos a ser amigas.

Marcela: Que importante! Poder estabelecer esses combinados do que dá ou não certo, e pensar que outra pessoa que aparecer na sua vida vai ocupar um lugar diferente do que a Raio de Sol ocupou.

Deusa: E deu pra estabelecer, muito bem! E nem saía beijo, porque eu não tinha tesão, eu não tinha aquela coisa, e olha que eu gosto de beijar e abraçar, mas eu via que eu não procurava. Foi aí que eu pensei que tinha alguma coisa errada. Foi bom, não é que foi ruim, porque quando a gente observa tudo isso a gente sabe quando é amor e quando não é.

Marcela: Sim, parece que foi importante. É importante poder escutar que você está aberta a isso, sem que isso precise ficar no lugar que a Raio de Sol ocupou na sua vida, mas que esse sentimento possa ser sentido de uma forma diferente.

Deusa: E não vai ocupar! Porque, do mesmo jeito que ela falava, que eu era a mulher da vida dela, eu sentia isso, talvez eu nunca falei, mas eu também sentia que ela era a mulher da minha vida. Eu fui feliz e sou feliz. Tem outras coisas da minha vida que eu preciso colocar no lugar certo, mas que não tem a ver com amor.

Marcela: Olha, acho que é um modo muito bonito de encerrarmos nossa entrevista, com você dizendo que foi feliz com ela e que ela vai continuar tendo um lugar na sua vida.

Deusa: Ah, sim. Pode colocar que hoje eu dou até um sorriso em dizer da importância dessa mulher na minha vida. É maravilhoso, eu gostaria que as pessoas sentissem isso, principalmente quem diz que ama e mata. O amor não mata, o amor floresce e te dá paz, você chora por ela não estar mais tão perto, mas você sobrevive e vive os dias dizendo que as coisas gostosas e maravilhosas me fortalecem. E isso vai continuar florescendo por aqui, porque pra quem já sentiu esse amor é muito delicioso de ser sentido. Eu posso, de coração, com essa leveza, foi um prazer ter esse amor.

Marcela: Que bom poder te ouvir! Quero que você possa acompanhar essa pesquisa, quando eu for escrevendo eu quero que você leia a transcrição e que a gente possa ir conversando sobre isso tudo.

Deusa: Claro, eu confio muito em você, desde aquele grupo sobre luto que me ajudou bastante.

Marcela: Bom, então conto com você! Vou parar a gravação por aqui.

(Nos despedimos)

Deusa começa contando quem foi a pessoa amada, como a conheceu, onde a conheceu, o que a encantou, como estavam vivendo na época da perda, os sonhos realizados e os inacabados. Ela vivenciou a perda de Raio de Sol aos 62 anos. Todos os detalhes se agrupam para formar um cenário imaginário, uma colcha de retalhos com cores e texturas diferentes.

Ano de copa do mundo no Brasil, as decorações pela cidade, os encontros para assistir os jogos e o fatídico “7x1” da Alemanha que eliminou o Brasil da copa. A ambientação do cenário de trabalho que as duas dividiam, a descrição de uma rotina, os 13 anos partilhados, o que existia antes e o que permaneceu depois da perda.

O ano era 2014, uma época diferente da década de 1980 e 1990, retratada na entrevista anterior. O casamento entre pessoas do mesmo sexo é reconhecido. O contexto social e político também é diferente, a sociedade por mais que ainda tenha preconceitos, está um pouco mais aberta do que antes. Isso faz parte da percepção do tempo longo (Spink, 2010), o que constituía os discursos da sociedade na época.

O cenário do dia do falecimento da esposa de Deusa é um cenário de intimidade, de compartilhar a vida juntas, de esperar quem se ama chegar em casa no fim de um dia de trabalho para falar sobre amenidades da casa. A entrevistada esperava a chegada de sua amada para falar do conserto do chuveiro, e a espera não findou.

Deusa traz na entrevista falas marcantes que descrevem e detalham cenas da vida compartilhada e cenas do despedaçamento gerado pela perda da pessoa amada. Em uma parte da entrevista ela diz: “A perda dela foi como se tivessem arrancado quase tudo de mim, minha roupa, meu coração, meu espírito, tudo, tudo, tudo… Fiquei sem chão, sem nada”

Com esse trecho é possível trazer uma imagem para narrar o entrelaçamento das teorias de luto com a fala da entrevistada.

Suas falas remetem a pesquisa de Parkes (1998), em um ponto que ele diz sobre “Mutilação do Self e a Dor do Luto”. De acordo com ele, quando a perda é abrupta:

> Em termos menos violentos, a perda do self sempre relatada como uma “falta”: “é um grande vazio”, “uma lacuna infeliz”. Estas palavras ilustram como as pessoas que amamos se tornam parte de nosso self, uma visão familiar para os poetas, mas que pode ser de difícil aceitação para os outros, talvez por nos deixar mais vulneráveis. (Parkes, 1998, p. 120)

Parkes (1998) também percebe que os relatos das viúvas trazem a dor representada no corpo, como se fosse uma experiência física também. Para o autor, uma hipótese para isso é que tem relação com esse dano ao self, e também pode ser uma forma de transpor a dor para uma parte do corpo e assim conseguir representá-la, como se a tornasse mais “concreta”. Deusa diz dessa dor intensa, violenta, que aparece com representações físicas também.

Uma perda repentina pode tirar o chão, deixar destroços para quem fica. Nas palavras de Deusa, ela não conseguia acreditar, já que Raio de Sol não estava doente e estava conversando com ela horas antes.

Assim como para Lauro, houve um rompimento do mundo presumido (Parkes, 2009), Deusa passa ter que lidar com a ruptura de um cenário que não teve como ter continuidade. O mundo conhecido, previsível, o término do dia, o conserto do chuveiro, tudo desaba com a notícia da perda.

Dentro da perspectiva trazida por Parkes, o luto é singular e está relacionado

às especificidades do vínculo com a pessoa perdida. Uma relação como a de Deusa e Raio de Sol, construída por anos com afeto e companheirismo, a perda traz junto o preço que se paga na ausência, na falta que é percebida diariamente em atividades que antes eram executadas pelas duas.

No processo de transição psicossocial (Parkes, 1998), é vivida a ressignificação da vida sem a pessoa amada. As atividades que desempenhavam juntas, o ambiente de trabalho, os móveis da casa, as roupas que ela separa para doação. Essas ações mostram como Deusa foi se adaptando e vivenciando essa transição.

Worden (2013), estabelece como quatro “tarefas” do processo de luto. Sendo elas: aceitar a perda, processar a dor do luto, se ajustar a um mundo sem a pessoa morta e encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida.

Deusa diz de um desejo de vínculo continuado e duradouro com Raio de Sol, diz sobre as mudanças na forma que seu luto se apresenta atualmente, de forma afetiva e leve:

> Sim, e hoje o luto permanece e é com mais leveza, com mais carinho, eu não a esqueci. Mas não vejo mais aquele pesado. Lógico, que às vezes eu lembro do aniversário dela, que é 2 de março, e lembro do dia 17 de julho, do dia do falecimento, aí me dá um pouco de tristeza, mas não como era antes. Eu falo “onde você estiver, eu sei que você está em um lugar maravilhoso e me aguardando”. (Deusa)

A entrevistada diz que não quer esquecer, e nem fechar seu caminho amoroso. É possível que uma nova relação amorosa tenha lugar em sua vida sem que tenha que se sobrepor ao lugar de Raio de Sol. São relações distintas, e assim como é possível manter múltiplos vínculos sem que eles se sobreponham, é possível ter uma nova relação amorosa sem ter que se desfazer da memória e afeto ligado a Raio de Sol.

Deusa conta que teve uma rede de apoio sólida, constituída pela filha e por amigos, essa rede fez parte do processo de enlutamento dela. A morte de sua esposa tornou visível o vínculo das duas para familiares, colegas de trabalho e alunos. O luto narrado por ela não precisou ser trancado em um armário, e parece que isso foi fundamental para o processo da entrevistada de produzir novos sentidos para o luto ao falar sobre.

Ao ter esse recurso de poder compartilhar com o meio e com uma rede de apoio o que estava vivenciando, Deusa pôde verbalizar as memórias, repetir o momento da perda, até que partes dessas cenas pudessem se inscrever para ela, e que os afetos associados a essas cenas também pudessem se transformar a cada vez que eram revisitados. Isso parece ter feito parte do tempo vivido (Spink, 2010), do tempo que a entrevistada construiu suas ressignificações para sua perda.

O entorno íntimo de Deusa sabia da relação amorosa das duas, a filha estava próxima antes da perda e também depois da perda. Deusa conta que não precisou dizer de sua relação amorosa para que a equipe de funcionários da escola soubesse da relação amorosa delas, já que Raio de Sol gostava de permanecer discreta sobre isso.

A viuvez trouxe uma nomeação póstuma da relação amorosa das duas, até pelo que a fazia ter direito ao recebimento de pensão pós morte de Raio de Sol. Trouxe um reconhecimento que diz do teor amoroso desse vínculo, e isso fez parte do processo de se reorganizar com sua identidade de viúva após a perda, dos ajustamentos a serem feitos no self (Parkes, 1988).

Deusa participou das decisões de final de vida, do momento do reconhecimento do corpo, da decisão acerca da doação de órgãos e até o velório, por mais difícil que fosse estar ali vivenciando tudo isso. Imber-Black (1998) destaca que os rituais fúnebres marcam a concretude da perda, comunica sobre quem foi a pessoa que morreu, possibilita a expressão do luto conforme as limitações sociais, e pode ser um direcionamento para o que vem depois da perda.

Infelizmente, participar das decisões de final de vida também é sobre um momento sofrido, que muitas pessoas viúvas trazem como uma das partes mais difíceis dentro do processo de luto. Os documentos têm prazos, e existe uma cobrança burocrática de que eles sejam resolvidos o mais rápido possível, ignorando que existe um tempo singular e próprio de cada luto de conseguir se movimentar, como a fala de Deusa demonstra: “Eu com aquele sofrimento tendo que assinar os documentos. Foi muito sacrificante para mim”.

Tenho a impressão de que enquanto ela contava sobre os cigarros inacabados que fumava um em seguida do outro, eu também sentia o gosto amargo do tabaco em minha boca. A cena traz a espera burocrática de quem não tem condições de estar presente, de quem está processando a perda de um grande amor, de quem queria assinar os papéis de casamento, não os de óbito.

Deusa conta de alguns momentos em que oscilava entre não acreditar na perda, não querer que fosse real, e ao mesmo tempo de se deparar com a concretude dela. Quando precisa assinar documentos para reconhecer o óbito, quando está no velório, e quando, dias depois, se depara com o carro de Raio de Sol estacionado na garagem da escola. Quando perguntei sobre o carro e sobre o retorno ao trabalho, ela respondeu:

> Foi naquele local que ela faleceu, o carro ficou ali, tudo trazia uma lembrança dela. [...] Eu fiquei mais de uma semana sem passar em frente a porta da sala dela. Eu entrava na minha sala, ia ao banheiro, e se queria alguma coisa eu ligava na secretaria e eles levavam até lá.

Houve um processo de transição psicossocial (Parkes, 1998), em que Deusa precisou inicialmente se separar dos objetos de Raio de Sol e dos objetos que eram das duas. A cama de casal, a mesa em que ambas realizavam suas refeições, as roupas de Raio de Sol, foram exemplos do que ela precisou se desfazer.

Esse processo diz também de uma reorganização frente a uma perda tão grande, em que há uma tentativa de aliviar a dor intensa. Deusa traz em sua fala uma distinção entre se separar dos objetos físicos e se esquecer. Para ela, esquecer de Raio de Sol não é possível e nem é algo que quer, pois ela carrega a esposa dentro do coração. Parece que esse processo de se separar dos objetos foi algo vivenciado no luto de outras perdas importantes para ela.

Sendo assim, o processo de luto não é sobre esquecer, e sim sobre manter a memória viva, encontrar um vínculo continuado com a pessoa amada perdida.

A relação das duas estava assegurada legalmente pela união estável, mas permaneceu o desejo do casamento, principalmente da cerimônia compartilhada com os amigos. Em determinado momento da entrevista, ela relata um sonho em que as duas se casam, concretizando um dos projetos inacabados que tinham. O vínculo simbólico delas se torna ainda mais evidente através desse relato.

Deusa trouxe uma cena em que a filha questiona o porquê dela não se reconhecer como viúva. Parece que é nesse momento que ela se percebe pela primeira vez como “viúva”, esse entendimento não estava intrínseco à perda. Essa parte me trouxe questionamentos que não serão respondidos nesta pesquisa, mas vejo importância em registrá-los: Será que nas perdas vivenciadas por heterossexuais existe essa dúvida? Como isso está relacionado a concepção de casamento para a

comunidade LGBTQIA+?

Deusa diz do seu processo de luto em um momento de vida que estava amparada por um emprego que a garantia renda, e em sua entrevista não apareceu que ela teve dificuldades financeiras na ausência da esposa. Ser uma mulher idosa, negra, lésbica e independente financeiramente é, infelizmente, uma realidade de poucas no Brasil. A interseccionalidade desses marcadores sociais dizem também dos recursos que essas mulheres terão ou não durante seus processos de luto.

Estamos constantemente produzindo novos sentidos no decorrer da entrevista no que se percebe ser o tempo curto (Spink, 2010). Deusa fala, em determinado ponto, que não quer fechar seu caminho para novas pessoas. Ela quer manter sua liberdade, quer manter Raio de Sol em sua memória, pois encontrar um novo relacionamento é entender que ele vai ocupar um lugar diferente em sua vida.

Poder se relacionar sem significar que isso seria preencher o lugar deixado pela esposa falecida é muito importante para pessoas enlutadas por viuvez. É comum em discursos de viúvas que esse desejo venha atrelado a um receio do que outras pessoas vão pensar, se isso seria uma “traição” à pessoa perdida. É possível investir em outra pessoa e em outro relacionamento sem que isso tire o lugar de importância de quem morreu, são relações distintas que terão lugares e papéis distintos.

A entrevistada mostra que se mantém aberta para novos relacionamentos, e é possível perceber que ela vivencia o envelhecimento dando continuidade aos seus desejos, sem se censurar a uma nova relação devido a ele. Não aparece nas falas de Deusa um impedimento relacionado a idade, e também aparece o desejo pela liberdade, para que ela possa continuar vivendo seu envelhecer em locais em que se sente confortável.

Deusa se mostra independente, aberta para vínculos, carinhosa com amigos e família, e sua presença na ONG diz também de sua movimentação de vida.

Hoje Deusa continua em ambientes que a permitem falar sobre essa relação e recordar dos momentos que viveu com sua esposa, esses ambientes também a permitem continuar se vinculando, falando sobre si e atribuindo novos sentidos às suas perspectivas de futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proximidade da velhice pode trazer o medo da perda do parceiro ou parceira devido a iminência da finitude, e quando isso se concretiza pode ser que se vivencie o medo da própria morte e o medo da solidão. Nas entrevistas realizadas, esse processo de se dar conta da finitude apareceu de forma distinta para os dois, e não foi associada à velhice representada pelos 60 anos.

Nos escritos sobre perda na vida adulta, Parkes (1998) traz que a dor do luto talvez seja o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso. Irving Yalom (2021), no livro que escreveu junto a sua esposa nos dias finais de vida dela, inicia dizendo que “Luto é o preço que pagamos por ter coragem de amar os outros”.

É preciso coragem para se permitir ao risco de amar, ao risco de ser ou não correspondido. E depois, é preciso coragem para permanecer na roleta-russa de não saber quem pode partir primeiro.

Lauro traz que a sua percepção de velhice e finitude veio com a perda de Homero. O HIV/AIDS foi naquele momento uma “sentença de morte”, não só para Homero, mas também para Lauro. Atualmente, ele diz de uma velhice que para ele não é associada a declínio, ser soropositivo não é mais uma sentença de morte. A idade não aparece como um fator impeditivo para que ele continue se relacionando amorosamente, e sua velhice é vivenciada em projetos e ao trabalho a que se dedica.

Em pessoas LGBTQIA+ a experiência de envelhecer não é restrita a idade. Como Nery (2019) traz em seu livro, a velhice iniciou aos 12 para Anyky. Para ele, a velhice foi pensada aos 35 anos, e não apenas quando completou 60 anos. Para Lauro, o processo foi semelhante, sua velhice não inicia após os 60, e sua perda aos 28 anos diz do contato intenso e constante com a finitude.

Esta pesquisa foi inicialmente planejada para investigar o processo de luto por viuvez no envelhecer gay e lésbico. Isso trouxe junto uma concepção de que envelhecimento não necessariamente se restringe a idade, envelhecer é verbo e está relacionado às especificidades das populações LGBTQIA+.

No caso de perda repentina relatada por Deusa, não apareceram falas que indicavam que ela receava uma solidão no envelhecer, mas de um vazio deixado na época pela ausência da pessoa amada. Deusa vivenciou sua perda aos 62 anos, o que a classificaria como idosa pela definição da OMS.

Depois de realizar as entrevistas, percebi que poderia ter perguntado para ambos como eles percebiam seus respectivos envelhecimentos. Não ter essa pergunta direcionada deixou em aberto o que cada um via de si na atualidade. No caso de Deusa, ela não falou do que significa envelhecimento para ela, algo que apareceu espontaneamente na entrevista com Lauro.

Nas duas entrevistas o luto apareceu como parte do processo de amar alguém. O luto não foi deslocado da relação, e diz das vivências singulares de cada um. O luto também se mantém como parte constituinte dessas pessoas, como algo a ser lembrado, mesmo que essa relação com a memória seja distinta para os dois.

Foram percebidas algumas especificidades da viuvez em gays e lésbicas, sendo uma delas a própria relação com os títulos de “viúvo/a” e “casado/a”. Esses reconhecimentos e nomeações foram póstumos, e isso diz de uma diferença fundamental de viúvos heterossexuais. Para os héteros, esses títulos são garantidos e já reconhecidos publicamente, e casais homossexuais podem ter sua relação diminuída pela ausência dessas nomeações.

Parece que para muitas pessoas LGBTQIA+, é através da morte que as relações amorosas se tornam visíveis e nomeadas. Para casais que passam anos no sigilo, o momento da morte traz uma exposição inesperada, que demanda nomeações que em vida não puderam ser feitas.

Para Lauro, a perda não pôde ser vivenciada no trabalho, e isso foi marcante para ele. Um homem heterossexual que perde sua esposa provavelmente terá as condolências e reconhecimento da sua dor pelos colegas de trabalho. Um homem gay antes mesmo de decidir compartilhar sobre sua perda, tem medo da homofobia que pode sofrer por revelar sua orientação sexual.

Essas preocupações, relacionadas ao preconceito e reação das pessoas, parecem ser um significativo elemento que difere o luto de homossexuais viúvos e héteros viúvos.

Um fator em comum a ambos os entrevistados, é que eles tinham redes de apoio que reconheciam a perda que sofreram. Ambos também vivenciaram seus rituais de despedida, e passaram por processos de reorganização para a retomada da própria vida.

É importante que mais trabalhos investiguem as especificidades do envelhecer LGBTQIA+, principalmente com a população trans, para pensar como as transformações sociais e sociedade atravessam a vivência e percepção de

envelhecimento e perda para elas.

Esses trabalhos se tornam referências para que profissionais de saúde possam se orientar quanto ao cuidado e atendimento a essas populações. Compreender as diferenças presentes na multiplicidade das velhices traz posicionamento ético frente a esse cuidado.

Assim como bell hooks (2020) diz do amor enquanto categoria política, não apenas como sentimento, esta pesquisa visou trabalhar com a concepção de luto também como uma política de luto (Butler, 2020) (Rodrigues, 2020). Principalmente em um período em que a medicalização da vida, da dor e do luto muitas vezes retira o luto do campo social para individualizá-lo e descaracterizá-lo.

Ser pesquisadora é também testemunhar a história dessas pessoas, reconhecer e validar suas lutas por existência e (re)existência. Os estudos sobre finitude e luto trouxeram a valorização da vida e do legado que pode ser deixado. A vivência singular de cada pessoa entrevistada é um legado para a geração de jovens adultos LGBTQIA+, é sobre se conectar com o passado dessa população para existir no futuro.

Que esta pesquisa possa contribuir para a psicologia, para a formação de profissionais, e em novos projetos e atuações com as especificidades das populações LGBTQIA+.

Encerro este trabalho com uma citação de Carla Rodrigues:

> Somos feitos e desfeitos uns pelos outros, numa rede de relações que nos antecedem, das quais dependemos mesmo sem saber, e continuamos a existir numa política de luto como política de memória.” (2020, p. 62)

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. Companhia das Letras, 2021.

ANOREG CE. Disponível em: <https://www.anoregce.org.br/regulamentacao-do-casamento-homoafetivo-completa-10-anos-em-maio/>. Acesso em: 29 out. 2023.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?**. Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ARAÚJO, Janaína. Garantia do Casamento Homoafetivo no país ainda não foi concedida por lei. Rádio Senado, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/01/18/garantia-do-casamento-homoafetivo-no-pais-ainda-nao-foi-concedida-por-lei>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de; SILVA, Henrique Salmazo da (orgs.). **Envelhecimento e Velhice LGBT**: práticas e perspectivas biopsicossociais. Campinas: Alínea, 2020.

ARAUJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.

ARIÈS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

ARIMA, Ana Carolina; FREITAS, Joanneliese de Lucas. **O Luto velado: a experiência de viúvas lésbicas em uma perspectiva fenomenológico-existencial**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 25, n. 4, p. 1467-1482, dez. 2017.

BARBIER, R. **L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé**. Conférence à l´Ecole Supérieure de Sciences de la Santé - http://www.saude.df.gov.br Brasilia, juillet 2002

BENT, K. N., & MAGILVY, J. K. (2006). When a partner dies: Lesbian widows. Issues in Mental Health Nursing, 27,447-459.

BERTTRAN, Déa E.. Conjugalidades Longevas: os vínculos amorosos de casais homoafetivos. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 3-25, abr 2021.

BIANCHI, Henry. **O eu e o tempo**: psicanálise do tempo e do envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

BRISTOWE, K. *et al.* (2016, September). The Bereavement Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual and/or Trans* People Who Have Lost a Partner: A Systematic Review, Thematic Synthesis and Modelling of the Literature. Palliative Medicine, 30 (8), 730–744.

BRUM, Eliane. (2012). **Me chamem de velha, por Eliane Brum**. Disponível em: <http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/me-chamem-de-velha>.

BUTLER, Judith. De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? **El País Brasil**, 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-asvidas-consideradas-choraveis-emnosso-mundo-publico.htm>. Acesso em 10 fev. 2023.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência Homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CORREA, MR. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85- 7983-003-7.

CORREA, MR; JUSTO, J. S. (2017). Envelhecimento, grupalidades e subjetivação. Perspectivas psicanalíticas atuais para o trabalho com grupos e famílias na Universidade, 68-86.

CRENITTE, Milton Roberto Furst; MELO, Leonardo Rabelo; JACOB-FILHO, Wilson; AVELINO-SILVA, Thiago Junqueira. Transforming the invisible into the visible: disparities in the access to health in LGBT+ older people. Clinics 78 (2023) 100149.

DE BAÉRE, Felipe; ZANELLO, Valeska. O envelhecimento de lésbicas e gays: a longevidade dos dispositivos de gênero. *In*: ARAUJO, L. F.; SILVA, H. S. (orgs.). **Envelhecimento e Velhice LGBT**: práticas e perspectivas biopsicossociais. Campinas: Alínea, 2020. p. 121-136.

DEBERT, G. G. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice**. Textos didáticos. Campinas. v.1, n.2, n.13, p. 7-27, 1998.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). *In*: HIRATA, H. *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. Editora UNESP : São Paulo, 2009. p. 173-178.

DOKA, K. J. Disenfranchised Grief. Bereavement Care, v. 18, n.3, 1999

DOURADO, Simone Pereira da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 29 (suplemento), p. 153-162, 2020.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 13.ed., São Paulo: FBSP, 2019.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, João Paulo; MELHADO, Vivian Ramos (org.). **Gerontologia: perspectivas teórico-analíticas**. Campinas: Alínea, 2021.

FORMENTO, Jacyara dos Anjos Sarges. **Violência homofóbica: análise dos crimes registrados na delegacia de combate aos crimes discriminatórios e homofóbicos de Belém–Pará–Brasil**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Luto em cuidados paliativos. **Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Org.). Cuidado paliativo**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2008. p. 559-570

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974.

GABARRA, L.; PEREIRA GARCIA DOMINGUES, V. .; ALMEIDA, T.; SANTOS, G. C. B. F. A vivência do luto do cônjuge em idosos gays, lésbicas, bissexuais e/ou trans: Revisão Narrativa. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, *[S. l.]*, v. 8, n. 15, 2023. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/11496>. Acesso em: 27 out. 2023.

GOLDENBERG, Mirian. Velhofobia. A face mais perversa da pandemia ficou evidente. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2020/04/velhofobia.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2023.

HENNING, Carlos Eduardo. **Gerontologia LGBT**: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horiz. Antropol.* [online]. 2017, vol.23, n.47, p. 283-323. ISSN 1806-9983. https://doi.org/10.1590/s0104-71832017000100010.

HENNING, Carlos Eduardo. Nem no Mesmo Barco nem nos Mesmos Mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 150-155, jun. 2020.

HENNING, Carlos Eduardo. Nem no Mesmo Barco nem nos Mesmos Mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 150-155, jun. 2020.

hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

IMBER-BLACK, Evan. Os rituais e o processo de elaboração. *In*: WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Monica. **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-245.

JÚNIOR, J; HAJE, L. Comissão aprova projeto que proíbe o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1006272-comissao-aprova-projeto-que-proibe-o-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo>.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-Ross, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

MELO, Ricardo Henrique Vieira; AMORIN, Karla Patrícia Cardoso. Ageísmo, sindemia covídica e Bioética de Intervenção: uma concretude interdisciplinar.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTT L, Michels E. *R*elatório 2018: Assassinatos de LGBT no Brasil. Brasil: Grupo Gay da Bahia – GGB; 2019 [cited 2017 May 1]. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>.

NERY, JOÃO W. **Velhice transviada**: memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

POCAHY, Fernando Altair. (2011) Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

POCAHY, F. A. Necrogerontopolítica à brasileira: Clamores da/na diferença (geracional). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 17, p. 34-52, 2022.

POCAHY, F. A. O (des)governo da velhice: cartogenealogias de/em uma pandemia. Educação, Santa Maria, v. 47, 2022

PY, Ligia *et al.* (org.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004

REIS, A. F. DOS. Da bio à necropolítica: a política de saúde, narrativas e ações do neoliberalismo do governo Bolsonaro e seus impactos junto aos idosos na pandemia de Covid-19. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 392-403, maio 2022.

RODRIGUES, Carla. Por uma filosofia política do luto. **O que nos faz pensar**, v. 29, n. 46, p. 58-73, 2020.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180–188, jan. 2010.

SANTOS, D. K. DOS .; LAGO, M. C. DE S.. O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos. **Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 133–144, jan. 2016.

SANTOS, R. C. S.; YAMAMOTO, Y. M; CUSTÓDIO, L. M. G. Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. Psicologia, p. 1-18

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, janeiro-junho de 2007.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo *In*: **A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC)**. São Paulo: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP), Edição n. 50, v. 22, Jul. 2011, p. 7-19.

SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1993

SPINK, Mary Jane P. OS MÉTODOS DE PESQUISA COMO LINGUAGEM SOCIAL (1). **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, *[S. l.]*, v. 2, n. 2, p. 4–13, 2013. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/7754. Acesso em: 29 out. 2023.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Cap. II, A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação. p. 26-37.

TORRES, Anália Cardoso. **Sociologia do casamento**: família e a questão feminista. Portugal: Celta Editora, 2001.

WHO (2002) Active Ageing – **A Police Framework**. A Contribution of the World Health Organization to the second United Nations World Assembly on Aging. Madrid, Spain, April, 2002.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**. 4ª ed. São Paulo: Roca. 2013.